APOSTILA DE CHACRAS E MEDIUNIDADE

NOÇÕES BÁSICAS SOBRE OS *CHAKRAS*

CHAKRAS* e *NÁDIS - *Chakra* é a denominação sânscrita dada aos centros de força existentes nos corpos espirituais do homem; também são chamados lótus ou rodas. Quando eles estão inativos assemelham-se a rodas; quando despertam, eles tomam a aparência de uma flor (lótus) aberta, irradiante, colorida pela freqüência da energia das pétalas.

No *Mundaka Upanishad* define-se o *chakra* como o local "onde os *nádis* se encontram como os raios no cubo de uma roda de carruagem". Os centros são formados pelo encontro destas linhas de força (*nádis*), do mesmo modo que os plexos, no corpo físico, são formados pelo encontro de nervos.

Existem centros maiores, aqueles que resultam do encontro de um número maior de *nádis* (21 vezes, segundo Coquet, *Les Çakra L'anatomie occulte de L'homme*, Paris, 1982), e os centros menores em que a confluência dos *nádis* é menor. Entre estes últimos existem 21 formados pelo encontro de 14 *nádis* e outros bem menores formados pelo cruzamento de sete *nádis*.

***NÁDIS* e MERIDIANOS** - Os *nádis* são, portanto, linhas de força que não devem ser confundidas com os nervos do corpo físico, embora estejam em relação com eles, como os *chakras* estão em relação com os plexos e órgãos do corpo físico. São condutores de energia. Os estudos de Motoyama (*Teoria dos Chacras*, Ed.Pensamento), indicam que eles podem ser comparados aos meridianos sobre os quais trabalha a acupuntura. Esta é também a opinião de Coquet.

No corpo etérico, denominado também pelos teosofistas de corpo físico invisível, porque nasce com o corpo físico e com ele desaparece, os *nádis* se apresentam como se fossem milhares de finos filamentos de gás néon, entrecruzando-o em toda sua extensão.

O número deles difere na literatura hindu, pelo que se atribui um caráter esotérico às quantidades apontadas: 72.000, 550.000, 720.000, etc. Os mais importantes são *Sushumna*, *Ida*, *Pingala*, *Gandhara*, *Hastajihva*, *Kuku*,

Sarasvati, *Pusha*, *Sankhini*, *Payaswini*, *Varuni*, *Alambhusha*, *Vishvodhara*, *Yasasvíni*. Os três primeiros são os mais importantes, sendo que o *Sushumna* domina a todos os demais.

IDA*, *PINGALA*, *SUSHUMNA - Para que se possa ter uma noção desses três *nádis* ao longo da coluna vertebral, tomemos uma série de números "8" e os coloquemos em posição horizontal, empilhando-os ao longo da coluna vertebral. Teremos então uma figura semelhante às serpentes no caduceu de Mercúrio. O *nádi* que sobe pela esquerda é o *Ida*; o da direita, o *Pingala.* Não estão, porém, dispostos de forma paralela. Eles entrecruzam-se como nos referimos acima.

No centro corre um canal: é o *nádi Sushumna*. Ao longo da coluna vai formando uma série de confluências, das quais a mais importante é a existente no *chakra* frontal, onde desembocam. *Ida* e *Pingala* estão sempre ativos, mas o *Sushumna* permanece inativo, pois o prana ainda não circula através dele.

No interior do *Sushumna* acham-se três outros *nádis*: o *Vajna*, o *Chitrini*, dentro do qual se encontra o *Brahma nádi*, ao longo do qual se elevará a energia *kundalini*.

***NÁDI* = NATUREZA** - Coquet esclarece que: "Cada *nádi* tem uma natureza quíntupla e encerra cinco fibras de energia estreitamente ligadas no interior de uma bainha que os recobre. Estes filamentos de energia são unidos uns aos outros em relações transversais."

É preciso, entretanto, notar que cinco tipos de energia formam uma unidade e que, tomados em seu conjunto, eles formam a própria bainha etérica. É, diz-se, através destes cinco canais que correm os cinco pranas maiores, vitalizando assim todo o organismo humano. Não existe uma só parte do corpo que não possua uma rede de *nádis* subjacente à sua forma.

PRANA - ESPÉCIES – Segundo Coquet (op. Cit.,p 43)“as cinco diferenciações do Prana no corpo humano são:

- **PRANA**: estende-se do nariz ao coração e influencia particularmente a garganta e a palavra, o coração e os pulmões.

- **SAMANA**: estende-se do coração ao plexo solar e age, sobretudo, sobre o poder de assimilação do alimento e da bebida. Está, deste modo, em estreita relação com o estômago.
- **APANA**: é particularmente ativo desde o plexo solar até a planta dos pés e age sobre os órgãos de eliminação, de dejeção e da geração. Seu poder está, pois, fortemente unido aos órgãos geradores e eliminadores.
- **UDANA**: está situado entre o nariz e a parte superior do crânio. Está em relação com o cérebro, os olhos e o nariz.
- **VYANA**: corresponde à soma total das energias prânicas tal como é repartida
  através de todo o corpo por intermédio de milhares de *nádis* e nervos, assim como dos canais sanguíneos, das veias e das artérias."

CHAKRAS **MAIORES - ENUMERAÇÃO** - Os chakras maiores são em número de sete:

Denominação:

1. Centro básico ou fundamental
2. Centro sacro ou sexual (genésico)
3. Centro solar ou umbilical (gástrico)
4. Centro cardíaco
5. Centro laríngeo
6. Centro frontal ou cerebral
7. Centro coronário

Em sânscrito:

1. Muladhara
2. Swadhisthana
3. Manipura
4. Anahata
5. Vishuddha
6. Ajna
7. Sahashara

Além destes, alguns outros são destacados nos estudos sobre *chakras*: o centro esplênico (do inglês *splen* = baço), "uma parte espiritual no interior do coração físico", o *alta-maior* e o b*indu*. O número de *chakras* médios e

menores é muito grande; daí alguns afirmarem que é infinito o número dos *chakras*.

A enumeração varia por diversos motivos. Leadbeater (*Os Chakras*, Ed. Pensamento) põe de lado o centro sexual (sacro) por "entender que o despertamento deste centro deve considerar-se como uma desgraça pelos graves perigos a ele relacionados", mencionando que "no plano egípcio de desenvolvimento se tomavam esquisitas precauções para evitar tal despertamento" (vide também - *A vida oculta da Maçonaria*, Pensamento). Por isto, prefere estudar, em seu lugar, o *chakra* do baço (esplênico). Edgard Armond, embora assinale o sacro (genésico) além do esplênico, ao tratar da reativação dos *chakras* não o inclui, esclarecendo que "essa passagem não só é suprimida pela sua diminuta influência na aplicação dos passes, mas sobretudo pelos graves e notórios viciamentos existentes no setor do sexo, pois seria maléfica, em todos os casos, a excitação desse centro de força." (*Passes e Radiações*, Ed. Aliança Espírita Evangélica).

A enumeração também varia de acordo com os sistemas adotados em relação aos centros. Nos sistemas tibetanos de meditação, bem como na concepção budista dos centros psíquicos, o sagrado não é considerado como centro independente, porém se acha combinado com o fundamental a formar um só centro (Anagarika Govinda, *Fundamentos do Misticismo Tibetano*, Pensamento). André Luiz (*Entre a Terra e o Céu*, psicografia de Chico Xavier, FEB), não menciona o *chakra* fundamental, incluindo, no entanto, o esplênico. No Yoga tibetano, por outro lado, o centro frontal e o coronário são considerados como um só, e assim são mencionados nas escrituras (Anagarika Govinda, op. cit., pp 151/152). A escola japonesa Shingon omite o centro sagrado. Indica, porém, o centro das espáduas e os dois centros situados à altura dos joelhos (Coquet, op. cit., pp 14/15).

O Shat-chakra-Nirupana (*Descrição dos seis centros*), considera o coronário como de ordem mais elevada do que os simples *chakras*. O Espírito White Eagle nomeia entre os sete *chakras* principais o esplênico, mas omite o *muladhara* como centro independente, indicando, porém, o genital ou sacro a que denomina de *kundalini*.

LOCALIZAÇÃO DOS *CHAKRAS* - Os centros se acham situados nos vários corpos espirituais. Temos, assim, centros etéricos, astrais, etc. Leadbeater faz sempre referência aos etéricos, mencionando, no entanto, os astrais (op.

cit., cap. IV). Satyananda estuda-os no corpo astral, do mesmo modo que o espírito André Luiz. Estas diferenças devem ser levadas em conta, porque uns são construídos com matéria etérica e outros com matéria astral, etc..

Os *chakras* etéricos estão situados na superfície do duplo etérico (a cerca de seis milímetros da superfície do corpo físico). Os centros astrais estão geralmente situados no interior do corpo astral (Powell e Leadbeater).

Os *chakras* etéricos transferem para o físico as quantidades inerentes aos *chakras* astrais. Por outro lado, determinados fatos físicos repercutem pelos *chakras* etéricos até os *chakras* astrais, alterando-os, de modo que, numa próxima encarnação, esta alteração se expressará em forma de desequilíbrio ou
enfermidade. As viciações mentais provocam também graves alterações nos centros de força.

INFLUENCIAÇÃO RECÍPROCA DOS CHAKRAS - Destaca Pierre Weil que os *chakras* não
estão isolados uns dos outros; eles mantêm uma influenciação recíproca.

“Os *chakras* inferiores retêm o homem na vida animal, propiciando-lhe, no entanto, as energias necessárias à sobrevivência, enquanto os superiores buscam acelerar a evolução do indivíduo (*Fronteiras da Evolução e da Morte*, Vozes, p. 69). No Yoga se afirma que cada *chakra* é constituído metade dele mesmo e metade dos seis *chakras* restantes. As características funcionais de um *chakra* seriam, assim, influenciadas pelos outros *chakras.”* (para maiores detalhes, vide Pierre Weil, op. cit.).

***CHAKRAS*, FORMAÇÃO DO CORPO ASTRAL E EVOLUÇÃO** - Os *chakras* são responsáveis
pela formação do corpo espiritual. É o que ensina André Luiz ao dizer que "vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado." (*Entre a Terra e o Céu*, p. 126).

Esta também é a opinião emitida por Coquet: "... os centros são as causas primárias na formação e na construção do templo do homem ou, em outros

termos, do mecanismo da alma. É, pois, normal constatar as dificuldades que têm as glândulas endócrinas de se adaptarem aos ritmos que lhes impõe a consciência objetiva em curso da evolução e particularmente neste século rico de novidades.

“Mas isto faz parte do plano de evolução e cada um deve estar consciente disso. À medida que a natureza emocional se desenvolve e o intelecto torna-se mais ativo, os centros correspondentes tornam-se igualmente mais ativos e pode-se observar a emergência de determinadas perturbações. Tomemos o exemplo do centro laríngeo que, em se desenvolvendo, arrasta consigo uma crescente atividade do intelecto e determina assim uma grande complexidade do pensamento: nós veremos a aparição de perturbações de ordem psicológica. Cada centro determina, pois, um número bem preciso de perturbações inerentes à qualidade de sua energia respectiva" (op. cit., p.85).

CENTROS DE CONSCIÊNCIA - Os *chakras* não são simples centros energéticos, mas também centros de consciência. A esse respeito, esclarece Anagarika Govinda: "Enquanto que, de acordo com as concepções ocidentais, o cérebro é a sede exclusiva da consciência, a experiência yogue mostra que nossa consciência cerebral é apenas "uma" entre muitas formas possíveis de consciência, e que esta, de acordo com suas funções e natureza, pode ser localizada ou centralizada em vários órgãos do corpo. Estes "órgãos" que coletam, transformam e distribuem as forças que fluem através deles são chamados de *chakras* ou centros de força. Deles irradiam correntes secundárias de força psíquica, comparáveis aos raios de uma roda, às varetas de um guarda-chuva, ou às pétalas de um lótus" (op. cit., p. 145).

Depois de destacar que os *chakras* são pontos nos quais as forças psíquicas do corpo se interpenetram, situando-se a sede da alma nos pontos em que o mundo exterior e interior se encontram, conclui: "Por isso, podemos dizer que cada centro psíquico nos quais nos tornamos cônscios desta penetração espiritual torna-se a sede da alma, e que pela ativação ou despertar das atividades dos vários centros nós espiritualizamos e transformamos nosso corpo" (idem p. 145/146).

Jung considera-os também centros de consciência: "uma espécie de graduação

de consciência que vai desde a região do períneo até o topo da cabeça" (*Fundamentos de Psicologia Analítica*, Vozes, 1972, p. 26). Miguel Serrano registrou uma conversa tida com Jung sobre os *chakras*: "Os *chakras*, diz Jung, são centros da consciência e *Kundalini*, a Serpente Ígnea, que dorme na base da coluna vertebral, é uma corrente emocional que une de baixo para cima e também de cima para baixo" (*O Circulo Hermético* - Hermann Hesse a C. G. Jung, Ed. Brasiliense, 1970, p. 71).

E reafirmou na conversação: "Os *chakras* são centros de consciência. Os inferiores são centros de consciência animal. Existem outros centros ainda abaixo do *Muladhara*" (p. 72).

Este ponto de vista também foi sustentado em um seminário (*Hauers Seminar.*
Psychological comentary by C. G. Jung, Zurich, 1932, exemplar datilografado, Bíblíthéque de Jung - cit., por Pierre Weil, *Mística do Sexo*, E. Itatiaia, pp. 104/105 e 113). Jung observa que na história da humanidade, o centro da consciência sofreu variações e, ainda agora, existem tribos, como dos Pueblos, que situam no coração o centro de consciência. (*Fundamentos*, pp. 06 e 07). Os ensinamentos esotéricos também indicam que as várias raças-mãe desenvolveram determinados centros preferentemente (Coquet, op. cit., pp. 35/37).

Jung (cit. por Pierre Weil, *Mística do Sexo*, pp 104/105), interpreta estes vários centros assinalando o grau de consciência de cada um deles:

- Centro fundamental - mundo dos instintos - consciente.
- Centro sacro - entrada no inconsciente - novo nascimento - batismo.
- Centro umbilical – emoções – paixões - o inferno.
- Centro cardíaco - começo do self – sentimento - pensamento e valores. Individuação.
- Centro laríngeo - reconhecimento da independência da psique - pensamento abstrato – conceitos - produtos da imaginação.
- Centro frontal - união do self no todo, não no ego.
- Centro coronário - nirvana.

A referência aos *chakras* como centros de consciência permite-nos entender uma passagem de *O Livro dos Espíritos*, aparentemente defasada no tempo, mesmo na época de sua recepção.

No item 146, Allan Kardec registrou o ensinamento dos Espíritos sobre a sede da alma:

"146. A alma tem, no corpo, sede determinada e circunscrita?
- Não; porém, nos grandes gênios, em todos os que pensam muito, ela reside mais particularmente na cabeça, ao passo que ocupa principalmente o coração naqueles que muito sentem e cujas ações têm todas por objeto a humanidade.

a) Que se deve pensar da opinião dos que situam a alma num centro vital?
- Quer isso dizer que o Espírito habita de preferência essa parte do organismo, por ser aí o ponto de convergência de todas as sensações. Os que a situam no que consideram o centro da vitalidade, esses a confundem com o fluído ou princípio vital. Pode, todavia, dizer-se que a sede da alma se encontra especialmente nos órgãos que servem para as manifestações intelectuais e morais."

Naturalmente que, do ponto de vista físico, na época de Kardec já se considerava o cérebro como a sede do pensamento, pelo que não havia razão para referência ao coração, como sede da alma, nem à outra parte do organismo físico. A referência, portanto, era aos *chakras* localizados à altura do coração ou à altura do cérebro, com suas ligações correspondentes, centros de ligação preponderante da alma ao corpo físico.

Segundo André Luiz, as três regiões fundamentais no processo de liberação da alma (e conseqüentemente de ligação do perispírito ao corpo físico) são: "o centro vegetativo ligado ao ventre, como sede das manifestações fisiológicas; o centro emocional, zona dos sentimentos e desejos, sediado no tórax; e o centro mental, mais importante por excelência, situado no cérebro." (*Obreiros de Vida Eterna*, FEB, 1956, p. 210). Isto significa que o perispírito está mais ligado a determinadas regiões.

Anota Alice Bailey que na humanidade comum o centro laríngeo está começando a despertar (Jung dizia que o europeu pensa pela garganta, Miguel Serrano, op. cit., p. 71), enquanto os centros cardíaco e coronário dormem. Mas, "no ser humano altamente evoluído, no líder da raça, o filósofo intuitivo e o cientista, assim como nos grandes santos, o centro coronário e o cardíaco começam a fazer sentir sua vibração; determina-se a prioridade do coronário e do cardíaco pelo tipo de pessoa e pela qualidade de consciência

emocional e mental." (*El alma y su mecanismo*, Kier, B. Aires, 1967, pp. 110/1).

A observação coincide com o ensino constante do Item 146 de *O Livro dos Espíritos*.

CHAKRAS **E MEDIUNIDADE** - Uma experiência interessante, às vezes, é registrada
nas reuniões mediúnicas - alguns espíritos, ao se comunicarem, o fazem através
do *chakra* solar (umbilical), porque o médium psicofônico, embora emitindo a voz pela boca, sente como se ela estivesse saindo a partir da região onde se localiza o umbigo (a observação, por enquanto, limitou-se a casos de espíritos necessitados).

A comunicação mediúnica se opera com o auxílio dos *chakras*, e quanto maior o número de *chakras* envolvidos na ligação, maior a sua perfeição. Quando esta
ligação não se faz como seria de desejar, a comunicação se dará através de comunhão mental, reduzida ao mínimo a influência sobre os centros neuropsíquicos.

André Luiz destaca a atuação dos centros na comunicação mediúnica, em se referindo, no livro *No Mundo Maior* (FEB), à mediunidade de Eulália, médium em desenvolvimento: “No entanto, o nosso antigo médico não encontra em sua organização psicofísica elementos afins perfeitos: nossa colaboração não se liga a ele através de todos os seus centros perispirituais; não é capaz de elevar-se à mesma freqüência de vibração em que se acha o comunicante; não possui suficiente "espaço interior" para comungar-lhe as idéias e os conhecimentos;
não lhe absorve o entusiasmo total pela Ciência, por ainda não trazer de outras existências, nem haver construído, na experiência atual, as necessárias teclas evolucionárias, que só o trabalho sentido e vivido lhe pode conferir.” (palavras do espírito Calderaro).

Esclarece André Luiz que, em vista disto, só através da boa vontade o espírito comunicante e Eulália podiam comunicar-se, e, por isto, o médico teria que despir-se da nomenclatura e técnica científica se quisesse

identificar-se com a médium. Para isso teria de adotar a "comunhão mental, reduzindo ao mínimo a influência sobre os centros neuropsíquicos." (op. cit.).

A EXISTÊNCIA DOS CENTROS - Ainda que toda literatura clássica do hinduísmo dê por assentada a existência dos centros, encontramos opiniões isoladas negando-lhes a realidade.

Gopi Krishna sustenta a sua inexistência por não se ter deparado com nenhum deles durante a aventura vivida com o despertamento da *Kundalini* (*Kundalini*, Ed. Record, p. 196).

Para ele, a existência dos chakras foi sugerida como uma forma de ajudar o discípulo a concentrar-se, chamando sua atenção para "os pontos mais sensíveis e mais suscetíveis aos efeitos dos centros cerebrais e nervosos, bem como para simbolizar a castidade".

Esclarece que nunca se dedicou ao yoga tântrico, no qual a prática de pranayana e a meditação nos centros nervosos são essenciais. Se o tivesse feito, com a convicção na existência dos lótus, teria confundido "as luminosas formações e discos incandescentes de luz, ao longo da medula; em estado de imaginação excitada, teria sido levado, inclusive, a perceber, de forma bem viva, as letras sânscritas e as deidades que presidem cada chakra, sugeridas pelas imagens já presentes em minha mente" (op. cit. p. 197).

Pode-se, de imediato, verificar que a reserva de Gopi Krishna a respeito dos *chakras* é devida a não ter visualizado os *chakras* na forma descrita pelas escrituras hindus, em que cada um deles aparece com um pecíolo mandálico, arrodeado de pétalas com letras sânscritas, contendo, no seu interior, uma forma geométrica (*yantra*), um animal (nos quatro primeiros), duas divindades (uma masculina e outra feminina) e uma letra sânscrita (*bija mantra*). Ele viu os *chakras*, portanto. O que ele não percebeu foram os detalhes existentes nas escrituras hindus.

É evidente que isto não seria o bastante para descartar a realidade dos *chakras*. Leadbeater, por exemplo, não encontrou tais alegorias e, por isto, manifesta a opinião de que “os desenhos traçados pelos yogues hindus, para o uso de seus discípulos, são sempre simbólicos e não guardam relação com o efetivo aspecto do *chakra*, exceto a indicação da cor e o número de pétalas.” (op. cit., p. 115). No entanto, atesta a existência dos *chakras* com o pecíolo central e as pétalas.

Se relermos os trechos de Gopi Krishna, verificaremos que, em realidade, ele se deparou com os *chakras*: "as luminosas formações e discos incandescentes de luz, ao longo da medula espinhal, nas diversas junções nervosas". Acontece que, como sua experiência ocorreu com repercussões sobre o corpo físico muito evidentes, tomou ele tais discos apenas como resultantes das junções nervosas, já que não percebia os símbolos da literatura hindu, sem atentar que exatamente nestas junções (plexos) localizam-se, no duplo, os *chakras* etéricos. No entanto, a descrição que dá dos discos é precisa quanto aos *chakras* - "... discos luminosos girando, enfeitando com luzes, ou lembram flores de lótus em plena florescência, reluzindo aos raios de sol. O círculo de incandescência irradiante envolvendo a cabeça, tingindo às vezes com cores do arco-íris, e sustentado pela estreita faixa de luz que se move em ascensão ao longo do dueto espinhal, também ostenta uma inconfundível semelhança com um lótus em florescência. (...) Assemelha-se de fato a um deslumbrante lótus de brilho extraordinário, tendo milhares de pétalas a denotar suas dimensões avantajadas." (op. cit. 196/197)

OS SÍMBOLOS DOS *CHAKRAS* NA OPINIÃO DE MOTOYAMA - A respeito dos símbolos indicados no Shat-chakra-Nirupana, é de interesse conhecer a opinião de Hiroshi Motoyama.

Afirma o pesquisador japonês que, em sua própria experiência de despertamento dos *chakras*, ele nunca pode perceber os símbolos referidos (op. cit., p. 238).

Apesar disto, ele está convicto de que não são apenas meros símbolos, mas que há uma realidade neles. Transcrevemos alguns parágrafos da obra pela importância das experiências relatadas a respeito.

”Superficialmente, estes detalhes podem parecer ser meras representações simbólicas, ou talvez figuras que podem ser visualizadas para facilitar a meditação. Contudo, os relatos de muitas pessoas que têm experimentado o treinamento espiritual comprovam muitos dos detalhes descritos aqui (no Shat-chakra-Nirupana). Por exemplo, indivíduos que se concentram nos *chakras muladhara* ou *swadhisthana* - mesmo aqueles que não possuem qualquer conhecimento anterior do simbolismo do *chakra* - freqüentemente

relatam o brilho semelhante a uma chama, seja em redor do períneo ou abaixo do umbigo. Isto pareceria corresponder às pétalas vermelhas que esses dois *chakras*, segundo se diz, possuem. Eu achei plausível que as cores designadas de cada *chakra* possam representar a coloração de sua aura na dimensão astral, e que os outros símbolos possam ter realidade.

”É de particular interesse aqui a experiência de minha mãe, uma personalidade religiosa bem respeitável e altamente evoluída. De seus 20 a 30 anos ela praticou o ascetismo da água freqüentemente no fundo das montanhas. Durante esta prática ela muitas vezes viu em redor de seu coração um caractere como de um barco invertido circundado por brilhante luz dourada. Quando ela perguntou-me pela primeira vez o que era, eu não soube, mas um ano ou dois mais tarde eu comecei a estudar sânscrito e li este Shat-chakra-Nirupana. Eu compreendi imediatamente que o "barco invertido" que ela descreveu não era outra coisa do que o "*YAN*", o bija mantra do *chakra anahata*. Além disso, a luz dourada que ela percebeu está provavelmente relacionada ao triângulo dourado localizado dentro do *bija* (veja a figura do chakra *Anahata*, segundo as escrituras hindus, na obra de Leadbeater - *Os Chakras*). Em seu livro *Os Chakras*, o Rev. C. W. Leadbeater, também descreve o *anahata* como brilhando com uma cor dourada.

”Por conseguinte, em minha opinião, as descrições dos *chakras* no Shat-chakra-Nirupana são mais do que meras representações simbólicas. Eu estou de acordo com Swami Satyananda Sarasvati, que declara em seu *Tantra of Kundalini Yoga*, que existem numerosos mundos além da nossa consciência comum nas dimensões astral e causal onde estas figuras geométricas, cores e sílabas podem realmente existir. Sem dúvida, muitos detalhes iconográficos, bem como as habilidades paranormais e estados mentais descritos aqui (no Shat-chakra-Nirupana), como associados com cada *chakra*, correspondem exatamente com a experiência de vários ascetas de muitas religiões em todas as partes do mundo.” (op. cit., pp. 183/184; vide também pp. 238/239).

CLARIVIDÊNCIA - Com isso não se quer afirmar que na vidência e na sua interpretação não possa haver condicionamento à sua crença. As visões são sempre filtradas através do vidente, e cada vidente, além do seu ângulo personalíssimo de "ver", de conceber o mundo, é também o produto de uma determinada cultura e de seu determinado momento histórico. O que se vê

objetivamente passa pelo crivo da subjetividade do vidente. Acrescente-se a isto a interpretação do objeto, isto é, da visão, exatamente a parte mais difícil, porque aí se torna necessário distinguir fatos observados e projeções mentais de encarnados ou desencarnados captáveis pelo médium.

Ocorre, evidentemente, um condicionamento à crença na vidência, o que determina, como conseqüência, seja a visão percebida e interpretada de acordo com ela. Preleciona Emmanuel que “como acontece na alimentação do corpo, a visão, no campo da alma, é diferente para cada um.” (*Clarividência*, in *Seara dos Médiuns*, FEB, p. 47). Na vidência há de se distinguir, como dissemos acima, o que de fato se passa no momento das projeções mentais, que podem ter distintas origens. A recepção de umas e outras subordina-se ao continente mental que traduz o captado em termos visuais.

Na obra de Tereza de Jesus e de Juan de La Cruz, duas almas cuja grandeza é indiscutível, anotamos, por exemplo, a visão da Trindade. Em uma das vezes em que celebrava a missa, afirmou Juan de La Cruz ter visto as Três Pessoas em uma nuvem muito resplandecente (M. Teixeira Penido, *O Itinerário Místico de São João da Cruz*, Vozes, 1954, p. 61). Não há uma descrição pormenorizada da visão, de modo a que nos possibilite a compreendê-la fora do contexto católico, porém uma observação feita por Juan de La Cruz a Ana de Santo Alberto nos permite avaliar o observado. Dizia ele que em companhia daquele mistério se encontrava tão bem que "sem particular auxílio do céu, ser-lhe-ia impossível continuar em vida.” (op. cit., pp. 61162).

Ramakrishna fazia observação semelhante referindo-se ao *samadhi*, com o florescimento do lótus de mil pétalas, onde mora o Satchitdananda Shiva, o Absoluto, afirmando que o indivíduo não resistia mais de 21 dias após esse fato (*El Evangelio de Ramakrishna*, tomo II, pp. 16 e 173). Só o desejo de servir poderia manter “o ego do Conhecimento” ou “o ego da Devoção”, evitando a morte. Naturalmente que, por isto, o período mencionado não é fatal; busca-se avisar o praticante dos perigos de uma subida de *Kundalini* sem os cuidados necessários e sem o suporte físico para suportá-lo. O que importa, no caso, é perceber que os efeitos da "experiência", tanto para Juan de La Cruz como para Ramakrishna eram os mesmos, o que demonstra a igualdade de valor do objeto percebido.

Pierre Weil, ao reportar-se às extraordinárias experiências de Muktanananda,

comparando-as com as de Juan de La Cruz e Tereza de Jesus, comenta: “Eles também descrevem esses estados de consciência e visões parecidas, porém dentro do contexto cultural cristão. Tudo indica que a fonte de experiência é a mesma; porém a mensagem vem dentro de uma codificação cultural ao alcance de cada pessoa; essa codificação é feita por esse “campo informacional” do qual falam os russos." (*A revolução Silenciosa*, Pensamento, p. 171).

A mesma visão pode ser diferentemente percebida. Se o indivíduo é cristão, a visão de uma entidade feminina de alta hierarquia pode ser percebida como a de Maria, mas se ele é hindu reportar-se-á a Shakti, a Mãe Divina. Mirra Alfassa, a Mãe do Ashram de Sri Aurobindo, escreveu umas certeiras palavras a respeito.

É certo que há experiências espirituais que sobrepassam a toda a espécie de condicionamento mental, quando o vidente se sobrepõe a este. Eis, por exemplo, os fatos descritos por Swami Nikhilananda, na Introdução ao vol. 32 de *El Evangelio de Sri Ramakrishna*: “Sri Ramakrishna ficou fascinado pela vida e ensinos de Jesus. Certo dia, estando sentado na sala da casa de campo que Yadú Maldick possuía em Dakshineswar, seus olhos se fixaram em um quadro da Virgem e do Menino. Mirando-o com intensa atenção, ficou pouco a pouco embargado por uma divina emoção. As figuras do quadro tomaram vida e os raios de luz que delas emanaram entraram em sua alma. O efeito dessa experiência foi mais forte que a da visão de Maomé. Consternado, exclamou: “Oh! Mãe (referindo-se à deusa Kali), que estás fazendo?” E rompendo as barreiras do credo e de religião, entrou em um novo reino de êxtase. Cristo tomou posse de sua alma. Por três dias não pisou no templo de Kali. Na tarde do quarto dia, enquanto estava caminhando no Panchavati, viu acercar-se-lhe uma pessoa de formosos e grandes olhos, expressão serena e tez clara. Ao encontrarem-se os dois, ressoou uma voz no mais fundo da alma de Sri Ramakrishna: “Eis aqui o Cristo, quem verteu o sangue de Seu coração para redimir ao mundo; quem padeceu um mar de angústia por amor da humanidade. Mestre de Yogues, Ele está em permanente união com Deus. É Jesus, Amor Encarnado”. O filho do homem abraçou o Filho da Divina Mãe e Se confundiu com ele. Sri Ramakrishna experimentou sua identidade com Cristo, como já havia experimentado sua identidade com Kali, Rama, Hanumám, Radha, Krishna, Brahma e Maomé. O mestre entrou em *samadhi* e em relação íntima com Brahma dotado de atributos" (p. 441 vide também Swami Vijoyananda Ramakrishna, *Deus Homem*, Ed. Vedanta, p. 41).

***CHAKRA* FUNDAMENTAL** (básico) - É denominado em sânscrito de *Muladhara* (Mula = raiz; *adhara* = suporte) ou apenas de *Adhara*. Acha-se situado à altura da base da coluna vertebral. É formado de 4 pétalas em forma de cruz: a 15 representa o desenvolvimento do reino mineral, a 25 do vegetal, a 34 do animal e a 45 do hominal. Powell e Leadbeater indicam a cor das pétalas como sendo de “ígnea cor vermelha alaranjada”; Michel Coquet - fogo alaranjada; Aurobindo - vermelha; Tara Michael - carmesin. Nos livros, Schat-chakra-Nirupana e Síva Samhita, vermelho.

Na representação yogue deste *chakra* vê-se um pericárdio em forma mandálica enfechando um quadrado (*yantra*) de cor amarelo ouro. As pétalas que envolvem o pericárdio são de um vermelho escarlate. A sílaba sagrada (*bija*) no meio do *chakra* é "*Lan*". O animal é um elefante branco.

Neste *chakra* se encontra adormecida a energia básica, denominada, em sânscrito, *Kundalini*. Ensina Coquet: “A humanidade, em gera, é sobretudo controlada pela vontade de viver e existir; está ali um aspecto de sua consciência que controla e organiza toda sua vida, e produz também isto que nós conhecemos sob o nome de reencarnação. E, do modo que o princípio de vida firma-se no coração, do mesmo modo a vontade instintiva e inconsciente de existir está localizada na base da coluna vertebral.” (op. cit., p.54).

”É extremamente perigoso o desenvolvimento deste *chakra*. Exige uma disciplina dos corpos físico, emocional e mental durante uma série de reencarnações, uma moral rigorosa.

”O aspecto vida domina, pois, quase inteiramente o centro coccígeo, tendo este por principal função participar na formação do veículo físico. É esta a razão pela qual toda a energia do centro coccígeo está centrada na procura do desenvolvimento e da perfeição ao nível do corpo denso.” (Coquet, op. cit., p. 55).

O centro fundamental é responsável pela força e vida das glândulas supra-renais, localizadas na parte superior de cada rim, na altura da primeira vértebra lombar, as quais segregam importantes hormônios: a córtico-supra-renal segrega adosterona, o cortisol e andrógenos; a medula supra-renal segrega a adrenalina.

Existem *chakras* mais baixos subordinados, todos eles, ao centro básico, localizados entre o cóccix e os calcanhares, controlando os instintos animais. São *Atala*, na planta do pé; *Vitala*, no dorso do pé; *Nitala*, na articulação superior da perna com o pé; *Sutala*, no joelho; *Mahatala*, na parte inferior da coxa; *Rasatala*, na parte superior da coxa; *Talatala*, na parte média da coxa. (*Uttara-Gitta* - II, 26 e 27).

O Uttara-Gitta descreve o *Muladhara* como: "O *Patala*, onde as cobras vivem enroscadas abaixo do umbigo, é o lugar conhecido com o nome de *Bhogindra*. Este lugar, terrível como o dia do juízo final e como o ardente inferno, tem também o nome de *Mahapatala*. O eternamente denominado Giva manifesta-se nesta esfera em serpentina roda, semelhante a um círculo".

No *Muladhara* se encontra a base do *Sushumna nádi*; ali está o lugar de reunião (*kanda*) da raiz de todos os *nádis*. Nesse centro localiza-se também o nó *Brahma*, o primeiro nó a impedir a subida de *Kundalini*. Os outros dois se encontram no centro cardíaco - o nó de *Vishnu*; e no frontal - o nó de *Rudra* ou nó de *Shiva*.

CHAKRA **ESPLÊNICO** (do baço) - Ele não é incluso nas escrituras hindu, entre os sete grandes *chakras.* Leadbeater, Powell e Coquet incluem-no, no entanto, ao lado dos demais em seus estudos. Por sua vez, André Luiz o inclui na relação que dá dos mais importantes *chakras* do perispírito.

Encontra-se localizado um pouco acima do centro sacro, à altura do baço e tem a função de especializar, subdividir e difundir a vitalidade oriunda do sol (Leadbeater). Em volta do pericarpo estão seis pétalas com as cores vermelha, alaranjada, amarela, verde, azul e violácea. Segundo Coquet, o silêncio que, em geral, fazem os textos é devido ao fato dele não ter uma função no processo iniciático, permanecendo apenas ligado ao processo vital, canalizando a vitalidade na direção dos demais centros.

”Este centro”, diz Coquet, “é o agente mais importante da força inerente à matéria. É o mais importante centro ativo distribuidor de energia. Nele estão colocados em contato a via negativa da matéria (a energia do espírito) e a energia positiva do duplo etérico (Nous ou Prana). Deste modo, se produz "a centelha" entre o plano divino e o plano físico, e isto por intermédio do corpo

etérico. A vida dinâmica inerente ao oxigênio vitaliza o corpo, penetrando, a princípio, pela cabeça e pelo coração; entretanto, uma corrente mais reduzida e ligeiramente diferente entra no corpo físico pelo baço e se eleva em direção do coração para unir-se a outra corrente." (op. cit., p.p. 79 e 80).

"No ser humano", continua adiante, "a energia vital do sol é assimilada pelo centro etérico do baço que é, assim o chamo, a contrapartida do baço físico. Mas o centro receptor principal se acha entre as omoplatas; está situado, precisamente, entre o centro laríngeo e o centro cardíaco, mas fica, entretanto, mais próximo do coração que da garganta. Um terceiro centro está situado ligeiramente acima do plexo solar, mas permanece adormecido e inativo, ao menos parcialmente, e isto por causa das condições de vida (poluição) nas grandes cidades." (op. cit., p. 80).

Segundo André Luiz, este centro regula "a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos" (*Entre a Terra e o Céu*, p. 128), "determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sanguíneo" (*Evolução em Dois Mundos*, p. 27).

***CHAKRA* SAGRADO** - (sacro ou genital) - É denominado no Yoga de *Swadhisthana*: significa "one is own above". Isto parece indicar que a morada primitiva de *Kundalini* situava-se neste *chakra*, tendo mais tarde descido para o *Muladhara*. Situado na região lombar, ao nível da parte baixa dos órgãos genitais, é formado de seis pétalas.

Leadbeater e o Garuda Purana indicam, como cor o brilho, do sol; Coquet, Tara Michael, Schat-chakra-Nirupana e o Siva Samhita, apontam o vermelhão, e Aurobindo, o vermelho violáceo-escuro.

Na representação yogue deste *chakra* vê-se uma mandala, em cujo interior se encontra um nenúfar com oito pétalas brancas como a neve, acompanhado de uma lua crescente (Y*antra*), com o bija mantra "*Vam*" ao centro; no interior da lua existe mais oito pétalas. O animal místico semelhante a um crocodilo é *makara*.

Do mesmo modo que o centro básico (*Muladhara*), o sagrado recebe duas correntes particulares: uma proveniente da própria *Kundalini* e a outra da vitalidade solar. A energia que aí se concentra é de natureza muito material.

Segundo Coquet, “sua função é a conversação da vitalidade que anima e sustenta o corpo físico, com os diferentes órgãos de assimilação. Este centro afeta, sobretudo, os órgãos genitais ou gônadas, que são a exteriorização física” (op. cit., p. 67). No futuro, ele “deverá ser perfeitamente controlado e a maior parte de suas atividades serão submetidas à vontade e à razão”, sendo a energia que alimenta os órgãos sexuais transferida para a garganta, possibilitando um nível mais alto de criação no campo do pensamento e das idéias, como já começa a ocorrer entre os grandes pensadores da humanidade.

É este o ponto de vista de Aurobindo: “A energia sexual, utilizada pela natureza para a reprodução, é, na sua natureza real, uma energia fundamental da vida. Ela pode ser utilizada, não por uma elevação, mas por uma certa intensificação da vida vital emotiva. Ela pode ser dominada e desviada dos fins sexuais e utilizada para a criação, e a produtividade estética, artística ou outra, ou conservada para elevar as energias intelectuais. Inteiramente dominada, ela pode também ser transformada em uma forma de energia espiritual. Era um fato bem conhecido na Índia antiga e chamava-se a conversão de Retas em Ojas pelo Brahmacharya. Mal utilizada, a energia sexual conduz à desordem e à desintegração da energia da vida e dos seus poderes.” (cit. por Coquet, op. cit., p.p. 76/77).

O descontrole do centro genésico resulta numa exacerbação do prazer sexual, no apego a outro ser ou a objetos, no ciúme e no instinto de posse, na autoproteção. Isto repercute, inclusive, na vida após a morte. André Luiz destaca o fato de que o descontrole do centro genésico impede o espírito de uma visão mais ampla da realidade, mesmo em prejuízo da própria pessoa que só enxerga o parceiro sexual, “em vista do apego enlouquecedor aos vínculos do sexo”. (*Entre a Terra e o Céu*, p.27), perturbações estas que acabam por eclipsar as qualidades morais já conquistadas.

Satyananda desenvolve interessantes considerações a respeito do *Swadhisthana*, como centro do inconsciente. Segundo ele, o centro frontal mantém uma conexão com o centro genital, e deste modo mantém sob controle a mente consciente, incluindo o inconsciente coletivo, que é muito mais poderoso que a própria consciência individual. Por isto é que, apesar da maior parte das pessoas não se aperceber do fato, é o inconsciente coletivo quem controla, em grande escala, o comportamento. O centro genital funciona, assim, como um computador onde são armazenadas as

experiências diárias, sejam conscientes ou inconscientes, tenha importância individual ou não. Destarte estariam ali os dados referentes às experiências e o *karma* que contribuíram para o processo de evolução humana. Há uma parte do *karma* que existe em potência e outra parte em que ele se encontra atualizado, mas tanto uma como a outra só raramente são conhecidas da mente consciente do indivíduo. Agora bem, se a energia vital (*Kundalini*) é despertada, ela ascende através dos *chakras*, desencadeando todo o processo de evolução psíquica, de modo que tanto o *karma* ativo como o inativo expandem-se e afluem à consciência. No entanto, se o indivíduo é incapaz de encarar a tarefa de analisar ou controlar o *karma*, registrado no centro genital, a energia se retrai e desce para o *muladhara*. O centro genital e o *karma* ali armazenado seriam, para Satyananda, um obstáculo bastante considerável à evolução espiritual do homem. Daí recomendar o mestre hindu que se procure primeiro despertar o *chakra* frontal a fim de arredar este obstáculo; é que a superconsciência que reside no centro frontal é totalmente ciente dos trabalhos da mente inconsciente no centro genital, podendo assim controlar o *karma* desatrelado.

***CHAKRA* SOLAR** - (umbilical ou gástrico) - Seu nome em sânscrito é *Manipura*, isto é, "cheio de jóias". No Tibet é denominado *Manipadma*, "o adornado com jóias" (Satyananda). Coquet, no entanto, indica as raízes "*mani*" significando gema flamejante, e "*pura*", cidade.

Está situado à altura do plexo solar na junção das vértebras dorsais e lombares, alguns centímetros atrás da coluna vertebral. Não se deve confundi-lo com o plexo solar que é somente um reflexo seu. Segundo Leadbeater, “sua cor predominante é uma curiosa combinação de vários matizes do vermelho, ainda que também contenha muito do verde. As divisões são alternativas e, principalmente, vermelhas e verdes” (conf. Powell). Coquet indica-lhe uma cor rosa com uma mistura de verde. Tara Michael descreve-o apenas flamejante. Aurobindo - violeta; Satyananda - azul escuro. O Schat-chakra-Nirupana indica a cor azul; o Siva Samhita a dourada; e o Garuda Purana - o vermelho.

Apesar de lhe serem apontadas de um modo geral dez pétalas, o Dhyanabindu Upanishad e o Sandilya Upanishad referem-se a doze. A exteriorização física encontra-se no pâncreas.

O *Manipura* é representado como um lótus de dez pétalas de cor cinza

plúmbeo com letras em sânscrito em cada uma delas. Dentro do mandala se encontra um triângulo vermelho invertido, com o *bija mantra* ao centro "*Ram*".

”A energia solar”, ensina Coquet, é uma força de natureza emocional fortemente influenciada pelos desejos e pelos nervos sensitivos do tato. O centro solar é o cérebro pelo qual reage o reino animal; semelhantemente à consciência de uma grande parte das pessoas pouco evoluídas e dos aspirantes sobre a senda, está fundamentalmente polarizada no centro solar.” (op. cit., p. 84).

Este centro se “responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização.” (André Luiz, op. cit., p. 120.; *Evolução em Dois Mundos*, p. 27).

O centro solar está relacionado, em particular, com o centro cardíaco, o timo e o centro frontal, ligação que depende, em seu funcionamento, do seu desempenho satisfatório.

O despertamento do centro solar revela uma natureza benevolente e cheia de compaixão. Entre os poderes decorrentes estão o domínio sobre o fogo, a habilidade de ver o corpo por dentro, o livrar-se de doenças e a aptidão para enviar o prana ao centro cardíaco; além disto, a concentração sobre o *Manipura* desenvolve a digestão (Satyananda).

Leadbeater, por sua vez, assinala que seu despertar condiciona o indivíduo a perceber as influências astrais, distinguindo vagamente sua qualidade, possibilitando a percepção de que existem locais que são agradáveis e outros não, embora sem identificar a causa.

Uma grande parte da energia da natureza emocional e astral se derrama pelo centro solar, devendo cada indivíduo esforçar-se por transmutar esta energia em aspiração, porque por ele é que operam o médium e o vidente (Coquet).

A grande tarefa encontra-se em transferir as energias do centro solar para o cardíaco. Localizado entre os *chakras* inferiores e os superiores, o solar é um centro de síntese onde se reúnem as energias dos centros inferiores que devem ser elevadas; é o ponto de fusão entre as energias da personalidade e as da alma. O indivíduo pode optar pelo desenvolvimento espiritual, buscando elevar a consciência a níveis superiores, ou pode preferir mantê-la unida aos centros inferiores, o que o tornará egoísta, egocêntrico, hipersensível,

angustiado, etc. As doenças de fundo emocional, geralmente causadas pelas frustrações e inibições, encontram nele sua causa. Também os males do estômago, do intestino, as perturbações hepáticas, etc., decorrem de perturbações no centro solar.

O desenvolvimento do centro solar, como de todos os demais centros, acarreta determinadas perturbações relacionadas com a qualidade da energia respectiva. Por isso Coquet adverte que se faça um esforço consciente com relação ao centro solar e à vida emocional, pois "a usura e a degradação que surgem predisporão o indivíduo a uma frágil santidade, na verdade inexistente, e isto por causa das energias interiores mal dirigidas e, sobretudo, mal empregadas". (op. cit., p. 85). Torna-se indispensável operar a transferência de energia para o centro cardíaco.

Coquet recomenda que as pessoas cuja consciência ainda está fortemente localizada no centro solar, que se exprime mais pela emoção que pela razão, devem abster-se de exercícios respiratórios e até de exercícios cuja finalidade seja desenvolver faculdades psíquicas: no primeiro caso, porque os exercícios respiratórios só fariam intensificar desejos e emoções; no segundo caso, porque o desenvolvimento obtido se prenderá às forças instintivas de sua natureza menos elevada.

***CHAKRA* CARDÍACO** - Em sânscrito é denominado de *Anahata* (imbatível, inviolado), estando situado entre as omoplatas, ligeiramente à esquerda da espinha dorsal. Satyananda esclarece que ao contrário do coração físico, o espaço astral ocupado por este chakra é vasto e informe.

Possui doze pétalas, correspondendo aos doze raios de sua energia primária. No entanto, o Yoga Kundalini Upanishad aponta-lhe 16 pétalas. Segundo Leadbeater, Powell e Tara Michael, elas seriam de uma brilhante cor de ouro; para Coquet sua cor é próxima do amarelo ou ouro incandescente; para Aurobindo é o rosa dourado. Satyananda descreve-o como normalmente escuro, tornando-se de um vermelhão radiantemente brilhante quando ativado. O Schat-chakra-Nirupana atribui-lhe o vermelhão; o Siva Samhita, o vermelhão escuro, e o Garuda Purana, o dourado.

André Luiz indica-o como centro da emoção e do equilíbrio geral (*Entre a Terra e o Céu*, p. 128), dirigindo a circulação das forças de base (*Evolução em dois Mundos*, p. 27).

Ele é representado por um lótus de cor escura com doze pétalas de cor vermelha em torno. No interior do mandala se acham dois triângulos entrelaçados (estrela de Salomão), de cor cinza esfumaçado. O animal é um antílope negro e o *bija* a letra "*Yam*". Quando ativado, ele adquire um brilho radiante.

É o centro do amor e diz respeito ao princípio espiritual do ser.

Leadbeater indica um segundo lótus no coração, abaixo do maior (op. cit., p. 129). Aurobindo, no entanto, em *More Lights on Yoga*, traduzido como 32º volume da coleção *A Consciência que vê*, afirma: “Nunca ouvi falar de dois lótus no coração; mas ele é a sede de dois poderes - na frente, o vital mais alto ou ser emocional, atrás, e escondido, o ser psíquico ou alma.” (p. 207).

Como função do centro cardíaco, aponta Aurobindo, por isso, o comando do ser emocional superior, da parte mais elevada do vital, com o psíquico profundamente atrás (vide p.p. 203 a 205).

”O centro do coração”, ensina Coquet, “terá todas as chances de desenvolver-se harmoniosamente e sem perigo se o neófito, ou o homem em geral, viver tendo em consideração, sobretudo, os interesses do grupo, cultivando o sentido amplo da fraternidade e da tolerância, amando coletivamente e buscando servir o plano divino sem preocupação de agradar, de ser apreciado ou recompensado.” Seria perigoso procurar os poderes criadores do centro laríngeo antes que o despertar do centro cardíaco não tenha começado, adverte ele.

Esta é a atitude natural que procura cultivar o *Karma-yoguin*, também recomendado pelos instrutores espirituais que supervisionam a elaboração da Doutrina Espírita; encontra-se retratada em todo decorrer da vida do Cristo, que sempre fez referência não só à atuação criadora do Pai, como também ao magistério divino, na revelação da Boa-Nova.

Entre as habilidades que resultam do seu despertamento, Satyananda indica:

- aquisição do controle do ar;
- o despertar de um amor cósmico e não individualista;
- desenvolvimento da eloqüência e do gênio poético;
- aquisição do poder de ter seus desejos satisfeitos;

- tornar o sentido do tato tão sutil que pode sentir a matéria astral, através do sentido astral, sensação que pode ser transmitida a outros (o sentido desse *chakra* é a pele e o órgão ativo, o coração).

Motoyama acrescenta que seu despertar provoca o desenvolvimento do poder de cura psíquica. “Prana pode ser transmitido através das palmas das mãos e dirigido à área doente do corpo de outra pessoa. A técnica bem conhecida da “imposição das mãos” está provavelmente relacionada com o estabelecimento de uma conexão íntima entre o *anahata* e as mãos. Poderes psicocinéticos também se desenvolvem quando o *anahata* é despertado.” (op. cit., p. 231).

CHAKRA **LARÍNGEO** - Em sânscrito, denomina-se *Vishudda*, palavra derivada de *shuddhi*, que significa purificar. Situa-se na base e atrás da garganta, na nuca, na junção da espinha dorsal e da medula espinhal alongada, no *Sushumna nádi.* Corresponde à glândula tireóide e estende-se até a medula alongada, envolvendo a glândula carótida, indo na direção das omoplatas, relacionando-se, ainda, com os plexos nervosos da faringe e da laringe.

Possui dezesseis pétalas na periferia, nas quais, segundo Leadbeater, “embora haja bastante do azul em sua cor, o tom predominante é o prateado brilhante, parecido com o fulgor da luz da lua quando roça o mar. Em seus raios predominam alternativamente o azul e o verde.” (p. 28). Powell indica-lhe o prateado brilhante com muito azul. Aurobindo, cinza; Satyananda, cinza-violeta; Schat-chakra-Nipurana, purpúreo escuro; o Siva Samhita, ouro brilhante; o Garuda Purana, prateado.

É representado por um lótus transparente com dezesseis pétalas de cor cinza fumaça (violeta-cinza). No pericárdio se encontra um círculo de cor branca (*Yantra*) envolvido por um triângulo; no centro está o *bija mantra* "*Ham*". O animal é o elefante.

O centro laríngeo tem a função de purificar o corpo, eliminando os venenos provenientes do exterior. A glândula tireóide, que corresponde ao centro laríngeo, tem uma função antitóxica. Além disto, a consciência criadora reside neste centro. É, segundo Aurobindo, “a mente física, a consciência externalizadora expressiva” (op. cit., p. 203).

A expressão da verdade, através do pensamento, da palavra e da ação é feita através do centro laríngeo. Para isto é necessária a harmonia do centro criador ou sagrado com o laríngeo, pois é necessário que as forças daquele tenham sido elevadas ao outro centro criador, o laríngeo (Coquet).

O centro laríngeo é o responsável pela recepção das ondas telepáticas. Dali são transmitidas a outros centros. O reconhecimento consciente pode ocorrer nestes últimos, e por isso o indivíduo pode sentir como se os pensamentos de outros estivessem sendo registrados à altura do centro umbilical ou de outros centros.

A respeito, ensina Powell: “O despertar do centro astral correspondente dá a faculdade de ouvir os sons do plano astral, isto é, a faculdade que no mundo astral produz efeito semelhante ao que denominamos audição do mundo físico.

”Quando o centro etérico está desperto, o homem, em sua consciência física, ouve vozes que às vezes lhe fazem todas as espécies de sugestões. Pode ouvir música, ou outros sons menos agradáveis.

"Quando funciona plenamente, o homem se torna clariaudiente nos planos etérico e astral" (*Duplo Etérico*, p. 63).

***CHAKRA* FRONTAL** - (cerebral, terceiro olho, lótus medular) É denominado, em sânscrito *Ajna*, cujas raízes significam “saber” e “obedecer”. *Ajna* significa “comandar”. É, pois, como o nome indica, um “centro de comando”.

Localiza-se à altura da raiz do nariz, entre os dois olhos, no ponto onde os *nádis Ida*, *Pingala* e *Sushumna* se encontram para formar um único canal que segue em direção ao *Sahasrara*. Aos olhos do clarividente ele surge no meio da testa. É também a opinião de Aurobindo.

Está dividido em duas partes, cada uma das quais com 48 pétalas (num total de 96 pétalas), por isto as escrituras hindus só se referem a duas pétalas. Uma delas, segundo Leadbeater, é de cor rosada, com muito amarelo, enquanto na outra sobressai um azul-purpúreo (correspondente com a cor da vitalidade - prana - que o *chakra* recebe). Coquet e Powell indicam as mesmas cores. Satyananda indica o cinza (ele destaca que outros autores descrevem-no como transparente). É preciso não esquecer que Satyananda

descreve sempre os centros astrais, enquanto Leadbeater, os etéricos. Aurobindo indica a cor branca.

É representado como um lótus branco resplandescente com duas pétalas. No centro do pericárdico encontra-se um triângulo branco invertido contendo o *Itara-Linga* luminoso como um cristal e o *bija-mantra* "*Om"*.

A força vital coletada através dos *nádis* é distribuída parte para o *Sahasrara* e parte para os corpos físico, astral e causal.

Satyananda ensina que este centro está conectado com a glândula pineal(epífise). Também Coquet adverte haver uma "interessante relação de forma entre os dois lobos da glândula pituitária, de função especialmente ligada ao mental e aos sistemas nervosos, e por natureza dupla, com os dois lados do centro frontal".

Para Coquet, a sua principal função estaria em desenvolver, no homem, uma verdadeira personalidade, um "ser interior", resultado das encarnações anteriores e de milhares de experiências. Seres que não possuem uma personalidade definida e própria são apenas estações repetidoras de pensamentos, idéias e aparências alheias, influenciados que são pela publicidade, cinema, leitura, multidão e, acrescentamos, televisão. As pessoas que procuram manter uma aparência (cultura, arte de falar, de vestir-se, etc.), agem ensaiando comportar-se como os que possuem verdadeira personalidade e assim surge o culto, a idolatria, ou simplesmente a procura de um mestre. Isto é efeito da falta de desenvolvimento do centro frontal.

Quando um homem, pelo contrário, observa Coquet, revela um caráter idêntico a si mesmo, calmo, flexível, sereno e simpático, cujo humor é sempre igual e a personalidade atraente, imponente e magnética, está, sem dúvida, agindo corretamente pelo centro frontal.

Para Aurobindo, este é o centro de comando da vontade, da visão e do pensamento dinâmico.

A concentração sobre o centro frontal é geralmente feita no ponto entre as sobrancelhas. Satyananda adverte que é necessário despertá-lo primeiro que qualquer outro centro. Para ele, este *chakra* tem o poder de dissolver o *karma*, auxiliando, com isto, a diminuir qualquer perigo que possa surgir com a ativação do *karma* de níveis mais baixos.

Segundo Satyananda, o despertar do centro frontal permite o contato com o “guru interior”, a fonte inata do conhecimento e sabedoria profundos que reside no centro frontal individual ou até com o “guru exterior”, o nosso anjo guardião (o guia espiritual). Além disto, ele possibilita também comunicações telepáticas e percepções clarividentes.

”O centro cerebral”, ensina André Luiz, “se representa no córtex encefálico por vários núcleos de comando, controlando sensações e impressões do mundo sensório.” (*Evolução em dois Mundos*, FEB, p. 99; vide também p. 125).

***CHAKRA* CORONÁRIO** - Em sânscrito é denominado de *Sahasrara*. Coquet esclarece que se lhe dá também o nome de *Brahmarandhra*, cuja verdadeira tradução significa “orifício divino e representa a haste do *chakra* coronário ou, para ser preciso, a fontanela etérica por onde escapa a alma no momento da transição.” (p. 131).

Está situado na parte superior da cabeça. A aura colocada sobre a cabeça dos santos corresponde ao *Sahasrara*. Ele é composto de duas partes: a parte central com 12 pétalas maiores, menos ativa, e outra, ao redor desta, com 960 pétalas menores, vibrando com incrível rapidez. Ao contrário dos demais *chakras* que, ao desabrocharem, voltam-se para o alto, o coronário mantém sempre a sua posição invertida.

É o mais luminoso dos *chakras*. Leadbeater descreve-o como possuidor de indescritíveis efeitos cromáticos, parecendo conter todos os matizes do espectro, embora seja o violeta a cor predominante; a parte central é de um branco fulgurante com um núcleo cor de ouro. Coquet ensina que ele surge como um maravilhoso sol, branco brilhante de mil flores douradas. O Shat-chakra-Nirupana descreve-o como tendo a cor de um jovem sol, portanto o branco brilhante. Motoyama indica-o como um disco de cor de ouro ou de luz rosada.

Os livros hindus denominam-no o “lótus de mil pétalas”, de cor branca e com a corola voltada para baixo, cerca de quatro polegadas acima da parte mais alta da cabeça.

O *chakra* coronário não está relacionado com nenhum plexo e sim com a glândula pineal. A respeito, Leadbeater destaca a existência de uma

diferença de acordo com os tipos de indivíduos. Em muitos deles “os vórtices do sexto e do sétimo *chakras* astrais convergem ambos ao corpo pituitário, que, em tal caso, é o único enlace direto entre o corpo físico denso e os corpos superiores de matéria relativamente sutil”. (...) “Mas outros indivíduos, embora ainda aliem o sexto *chakra* com o corpo pituitário, inclinam o sétimo até o seu vórtice coincidir com o atrofiado órgão chamado glândula pineal, que, em tal caso, se reaviva e estabelece ligação direta com o mental inferior sem passar pelo intermediário comum do astral.” (p.p. 94/95).

André Luiz assinala como função, sua a assimilação dos estímulos do Mundo Espiritual Superior, a orientação da forma, do movimento e da estabilidade do metabolismo orgânico e da vida consciencial dos espíritos encarnados ou desencarnados, supervisionando, além disso, os outros centros que lhe obedecem ao impulso, procedente do espírito, porque ali se encontra exatamente o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas (conf. *Evolução em dois Mundos*, p.p. 26127).

”Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta.” (op. cit., p. 27).

”Pela determinação da vontade, a mente se apropria dos elementos à sua volta e cria livremente, mas o centro coronário fixa, de modo automático, a responsabilidade correspondente a essas criações, conduzindo ao corpo causal as seqüências das ações e inações, felizes ou infelizes” (conf. op. cit., p. 28 e *Nosso Lar*, FEB, p. 59).

Com relação ao mecanismo de ação do centro coronário sobre o corpo físico e a origem do pensamento, ensina André Luiz – “...o centro coronário, através de todo um conjunto de núcleos do diencéfalo, possui no tálamo, para onde confluem todas as vias aferentes à cortiça cerebral, com exceção da via do olfato, que é a única via sensitiva de ligações corticais que não passa por ele (contudo, essa via mantém conexões com alguns núcleos talâmicos através de fibras provenientes do corpo mamilar, situado no hipotálamo), vasto

sistema de governança do espírito, portanto aí, nessa delicada rede de forças, através dos núcleos intercalados nas vias aferentes, através do sistema talâmico de projeção difusa e dos núcleos parcialmente abordados pela ciência da Terra (quais os da linha média, que não se degeneram após a extirpação do córtex, segundo experiências conhecidas), verte o pensamento ou fluído mental, por secreção sutil não do cérebro, mas da mente, fluido que influencia primeiro, por intermédio de impulsos repetidos, toda a região cortical e as zonas psicossomatossensitivas, vitalizando e dirigindo o cosmo biológico, para, em seguida, atendendo ao próprio continuísmo de seu fluxo incessante, espalhar-se em torno do corpo físico da individualidade consciente e responsável pelo tipo, qualidade e aplicação de fluído, organizando-lhe a psícosfera ou halo psíquico, qual ocorre com a chama de uma vela que, em se valendo do combustível que a nutre, estabelece o campo em que se lhe prevalece a influencia." (*Evolução em dois Mundos*, FEB, p. 99; vide também p. 125).

Se por um lado as energias do plano espiritual atingem, através do coronário, os outros centros, por outro as energias provenientes de outros centros o atingem. Assim é que ali desemboca a energia violeta proveniente do centro laríngeo e a energia amarela originária do centro cardíaco.

A ativação deste centro surge com a integração com o Pai: é a realização da vontade de Deus, é o colocar-se integralmente, sem condições ou reticências, nas mãos do Divino, o que determina a sua ativação. O discípulo já não vive, mas Deus é que vive nele, em Deus vive e em Deus se move, como afirma Paulo. Ali se encontra a abertura do Reino dos Céus.

Juan de La Cruz escreveu: "Porque logo que a alma desembaraça estas potências (sentidos, entendimento, memória e vontade) e as esvazia de tudo o que é inferior (terrestre) e da propriedade de tudo que é superior (apego ao celeste), ficando elas a sós sem nada disso, imediatamente Deus as emprega no invisível e divino, e é Deus o guia nesta solidão". (*Cântico* - 18 versão - XXXIV, nº 5; 28 versão XXXV, nº 5).

"É necessário uma completa desnudez de espírito, uma completa "deoversão", uma reorientação da alma para Deus. Quando a alma se aparta de tudo o que não é Deus, "logo fica esclarecida e transformada em Deus e Deus comunica-lhe o seu ser sobrenatural de tal maneira que parece o mesmo Deus e teia o que tem o mesmo Deus... Esta união faz-se quando Deus concede à alma a sobrenatural mercê de todas as coisas de Deus e da

alma serem uma só coisa em transformação participante; e a alma mais parece Deus que alma, é até Deus por participação...” (Juan de La Cruz - *Subida do Monte Carmelo*, Livros II, cap. V, nº 7). Eis aí uma perfeita idéia do *Samadhi*, já que a experiência é indescritível. A alma penetra na 7ª morada (Teresa de Ávila).

Esclarece Leadbeater que à medida que o ser cresce espiritualmente, o centro coronário vai aumentando até tomar toda a parte superior da cabeça: “No princípio, é como todos os demais *chakras*, uma depressão do duplo etérico, pela qual penetra a divina energia procedente do exterior. Mas quando o homem reconhece o rei da divina luz e se mostra magnânimo com tudo o que o rodela, o *chakra* coronário reverte, por assim dizer, de dentro para fora, e já não é um canal receptor, mas uni radiante foco de energia, não uma depressão, mas uma proeminência ereta sobre a cabeça como uma cúpula, como uma verdadeira coroa de glória.” (op. cit., p. 30).

KUNDALINI - A energia vital básica reside no centro fundamental (*muladhara*). Os hindus a chamam de *Kundalini* - o fogo serpentino. Lá está a concentração energética que supre o corpo humano através dos *nádis* - *Ida* e *Pingala*. Esta energia não é mais que a transformação do que Kardec denominou de fluido universal, é o princÍpio vital.

Confere plenamente com isto a observação de Coquet: “É unicamente graças a esta energia que o mundo pode existir, e, em último lugar, é ela a força primitiva que está subjacente a toda a matéria orgânica e inorgânica.”

Isto concorda plenamente com o que ensina o espírito Galileu a respeito do fluido cósmico: “Esse fluido penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme a condição deste, princípio que, em estado latente, se encontra adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra - porquanto há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais - sabe, em virtude desse princípio vital universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração.

”As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião, a se agruparem, como no organismo, em figuras

simétricas que constituem os indivíduos.” (Allan Kardec, *A Gênese*, FEB, cap. VI, nº 18).

Na ciência ocidental, geralmente a *Kundalini* é desconhecida como tal, pois ela reside no corpo invisível. Entretanto, seus reflexos são identificados na psicologia. Freud estudou-a como uma energia sexual- a libido – que diminuiria a própria vida.

Com mais correção, Jung chamou a atenção de que a energia psíquica não é originariamente sexual - a libido para ele é neutra, sujeita a transformações de acordo com a orientação que lhe é dada. O próprio Freud, ainda que preso à energia sexual - admitiu estas transformações a que chamou de sublimação do instinto sexual.

Em realidade, a energia psíquica em seu desdobrar vai sendo dirigida para cada um dos vários centros de força podendo cristalizar-se em um deles. A exaltação da libido sexual teria como fator a concentração da energia psíquica no centro genésico, dando àquele que estuda paralelamente o fenômeno a idéia de que toda energia é de origem sexual. Por outro lado, é de observar-se que o despertar de *Kundalini* provocou uma geração anômala de sêmen, que vai sendo consumido na medida em que a energia sobe em busca dos centros superiores. Uma visão parcial da questão pode dar a idéia de que a energia em si é de ordem sexual.

Obstruída que se encontra sua passagem no *Sushumna* pelo nó (*granthi*) de *Brahma*, a *Kundalini* não tem acesso aos demais centros em linha reta. A ruptura deste nó de Vishnu e do frontal, nó de Rudra, com a subida da *Kundalini* também pelo canal central unindo assim os três *nádis*, torna-se extremamente perigosa, podendo resultar na loucura e na morte, quando mãos inexperientes tentam realizá-la. A projeção de *Kundalini* através dos centros inverte o processo natural - é que a ascensão natural se realiza depois que os centros estão desabrochados e os canais ao longo da coluna vertebral se encontram livres.

A triangulação das energias resulta numa queima extravagante se o indivíduo não se encontra devidamente preparado física, mental e moralmente, determinando sua destruição. Daí a necessidade de um guia para a realização de tal ascensão. O próprio circuito de ascensão de *Kundalíni* é distinto de indivíduo para indivíduo e vai depender do despertamento de seus centros.

A medida também é distinta. As experiências são mais ou menos profundas. As descrições propiciadas por Ramakrishna, Gopi Krishna, Motoyama e Pierre Weil conduzem a esta assertiva. Essas gradações são próprias da experiência espiritual, e por isto Juan de La Cruz dividiu os espirituais em três classes: principiantes, aproveitados e perfeitos. Existem, segundo ele, muitos graus de união. Além disso, pode dar-se o despertar da *Kundalini* de modo gradual ou repentinamente, causando efeitos diversos de acordo com o desenvolvimento, constituição e temperamento dos indivíduos (conf. Gopi Krishna, op. cit., p.58).

Eis aqui trechos do encontro de Gopi Krishna com a *Kundalini*, enquanto meditava: "De repente, como o bramir de uma cachoeira, senti um fluxo de luz líquida penetrar no cérebro, através da modula espinhal.

”A iluminação íntima se intensificou, ficando mais forte e brilhante, o bramir aumentou, e experimentei uma sensação de abalo que me fazia sentir como se estivesse saindo de meu corpo, inteiramente envolto um halo de luz. É impossível descrever a experiência com precisão. Senti o ponto da consciência, que era eu mesmo, crescer de tamanho, circundado por ondas de luz. Fui ficando cada vez maior, expandido-me para fora, enquanto o corpo, que normalmente é o objeto da percepção imediata dessa consciência, parecia estar sumindo na distância, até que perdi totalmente a consciência dele. Agora eu era Consciência Pura, livre das limitações, sem qualquer impressão ou sensação que pudesse vir dos sentidos, imerso num oceano de luz, simultaneamente sensível e consciente de cada ponto, expandindo-me, como se abarcasse todas as direções, sem qualquer barreira ou impedimento material.”(op. cit., P.P. 10/19).

Relata Gopi Krishna que, no seu caso, houve uma subida de *Kundalini* através de *Pingala*, o que resultou numa alteração da temperatura do corpo, tendo ele começado a queimar-se interiormente; foi necessário um esforço mental para trazer a corrente de energia para o lado esquerdo, onde se encontra o *nádi Ida* e, em seguida, fazê-la penetrar pelo *Sushumna*: “Deu-se UM som que lembrava um fio de nervo estalando; instantaneamente um filão prateado começou a deslocar-se em ziguezague ao longo da espinha dorsal, exatamente igual aos movimentos sinuosos de uma branca serpente em fuga rápida, vertendo um fulgente aguaceiro de brilhante energia vital, a qual, em forma de cascata, cala dentro do cérebro, preenchendo minha cabeça com

um abençoado esplendor, substituindo o fogo que tinha estado atormentando-me durante as últimas três horas.” (op. cit., p. 78).

É interessante destacar o fato de que uma luminosidade permanente passou a envolver Gopi Krishna e que este passou a perceber a produção anormal de sêmen vital que era absorvido pelo trabalho reticular dos nervos, na base da espinha, onde ora transformando, no *muladhara*, na energia nervosa transferida para o cérebro (p.p. 103 e 104). Esclarece Gopi Krishna que nos momentos mais dramáticos, uma pequena recomendação salvou-lhe a vida – fazer leve refeição de 3 em 3 horas, não deixando o estômago completamente vazio (p. 73).

Ao contrário do que pensam certas pessoas, somente alguns sistemas tratam do trabalho direto para ocasionar o despertar de *Kundalini* - a Laya-Yoga, a Hatha-Yoga e Kundalini-Yoga. Existem, portanto, diversos métodos de iluminação espiritual que não tratam diretamente com o despertamento de *Kundalini*.

DESPERTAMENTO DOS *CHAKRAS* - Ao contrário do que pode parecer ao observador apressado, no estudo dos *chakras* apresentam-se também opiniões divergentes. Isto é um fato que não pode ser esquecido a fim de evitar as "pregações" sobre *chakras*, quando são repetidos os ensinamentos deste ou daquele autor, como se se tratasse da palavra única e definitiva. As referências que faremos a seguir buscam destacar um pouco mais estas divergências.

Rajneesh sustenta que *Kundalini* não é a energia da vida, mas um dos caminhos que podem ser tomados por esta força; por isto é possível despertar a iluminação através de outros caminhos, embora *Kundalini* seja o mais curto. Neste caso, o *Brahma-randhara* (o ponto central do *Sahashara*), será o maior terminal (se for outro o caminho ele não será o término). *Kundalini* é para ele, pois, uma passagem relacionada com os *chakras*. Os *chakras* estariam no corpo etérico, de modo estático, "mortos" até que a energia penetrasse neles através da passagemda Kundalini. Essa força estaria localizada no *muladhara*, a que Rajneesh denomina o centro do sexo (naturalmente, como no sistema tântrico, ele une o básico ao genital). Outros caminhos seriam utilizados pelos diversos métodos do yoga, zen, budistas, taoístas e cristãos. Seriam utilizadas outras passagens que não pertencem ao duplo etérico: as do corpo astral, do corpo mental, etc. Apesar disto, mesmo

nestes métodos, pode ocorrer o surgimento de *Kundalini*, porque os corpos estão interligados entre si e com os sete *chakras*. Qualquer dos métodos pode levar a energia da vida a atingir o *sahashara* (vide *Meditação - A Arte do Êxtase*, Cultrix/Pensamento, p. 67/86).

A utilização dos *chakras* dar-se-ia no momento em que a passagem de *Kundalini* é bloqueada, porque o trabalho deles só é necessário para romper bloqueios. Se não existissem obstáculos não se perceberia, segundo Rajneesh, os *chakras,* porque estes existem para ajudar a ascensão da energia através de *Kundalini*. Assim, se ocorre um bloqueio, a *Kundalini* retrai-se; para evitar que ela desça, o *chakra* começa a trabalhar, tornando mais viva a energia, de modo a facilitar o rompimento do bloqueio.

Ao que parece, Rajneesh chama de *Kundalini* o *Brahma nádi*, localizado no interior do *Sushumna*, pois é exatamente por ele que a energia vital se eleva em busca dos centros superiores.

Posição distante é a de Anagarika Govinda. Afirma este Lama que não é possível concentrar-se sobre os centros mais altos sem ter adquirido o controle sobre os centros mais baixos, “como acreditam ingenuamente alguns “místicos modernos” (op. cit., p. 181). No entanto, ao explicar o sistema de Yoga budista, em que a *Kundalini* não é mencionada, cita ele o *Yoga das Seis Doutrinas de Náropa*, em que o discípulo é aconselhado a meditar nos quatro *chakras* superiores, formados como um guarda-sol ou rodas de uma carruagem (coronário, laríngeo, cardíaco e umbilical). No sistema do budismo tântrico, ao invés de *Kundalini*, o princípio que ocupa o centro de meditação é o *Dákini*: a *Khadoma Dorje Naljorma* (rdorje rna-hbyor-ma; Sânsc.: Vajra-Yogiuí).

“As *Khadomas*, semelhantes a todas as personalizações femininas da *vidyá* ou do conhecimento, têm a propriedade de intensificar, concentrar ou integrar as forças das quais elas fazem uso, até serem focalizadas num ponto incandescente, e significam a chama sagrada da inspiração que leva à iluminação. As *Khadomas*, que surgem como visões ou como imagens interiores produzidas conscientemente no decorrer da meditação, são, por isso, representadas como uma aura de chamas e evocadas com a sílaba-semente *HÚM*, o símbolo mântrico da integração. Elas são a personificação do “fogo interior” que na bibliografia de Milarepa foi chamado “sopro acalentador das Khadomas” que rodeia e protege o santo, semelhante a um “manto puro e suave”. (op. cit., p. 208).

O Swami Satyananda Saraswati, no entanto, é de opinião distinta. Sustenta ele que o praticante deve primeiro procurar ativar o *ckakra* frontal antes de qualquer outro, porque, segundo ele, este *chakra* tem o poder de dissolver o *Karma*, auxiliando a diminuir qualquer perigo que possa surgir quando é ativado o *karma* de *chakras* inferiores.

Aurobindo, em *Bases of Yoga* (trad. bras. *Consciência que Vê,* vol. I), ao referir-se ao método do Yoga Integral, ensina: “Não há método neste Yoga a não ser concentrar-se, de preferência, no coração, e chamar a presença e o poder da Mãe para assumir o ser e, pelas operações de sua força, transformar a consciência: você pode se concentrar também na cabeça ou entre as sobrancelhas, mas para muitos isto é uma abertura difícil demais.” (P. 32).

Considerando que ninguém é tão forte para superar, por suas aspirações e vontade isoladas, os impulsos das forças da natureza mais baixa, conseguindo no máximo um domínio incompleto, recomenda Aurobindo que o indivíduo utilize aspiração e vontade para trazer para baixo a força divina, e, como isto não pode ser feito só pelo pensamento, é necessário concentrar esta aspiração no coração (vide p. 32; vide também *Consciência que Vê* II, p. 146). Pode também utilizar-se da aspiração, chamamento ou oração, para trazer a força divina, ou concentrar-se sobre o coração (na cabeça ou acima dela), meditando sobre a Mãe, chamando-a para dentro. Isto não quer dizer que a *Kundalini* não desperte; ela se ergue para encontrar a Consciência e a Força Divinas acima do indivíduo (p. 85). Adverte em *Lights on Yoga* (*Consciência que Vê*, II) que há necessidade de orientação para que as forças da natureza mais baixas não se misturem com a Força Divina que desce ou para evitar que poderes não divinos se apresentem como a Mãe divina (p. 1470). Só há segurança com o centro do coração completamente aberto e o domínio do psíquico, mas isto não é difícil. Ondas inferiores podem emergir e perturbar o trabalho (p. 1480).

No Cristianismo, o caminho da oração é exaltado na obra de Teresa de Ávila e de Juan de La Cruz. Teresa de Ávila descreve a subida através das sete moradas até atingir o castelo interior, enquanto Juan de La Cruz descreve os seis patamares. No Espiritismo, o caminho da oração e da caridade é o recomendável. É necessário, no entanto, não esquecer que as lições dos mentores espirituais se concentram sempre na necessidade de um despojamento do espírito.

A obra de Emmanuel pode ser seguida como um roteiro para o caminho espiritual, se o espírita realmente procurar executá-la ao lado da recomendação dos espíritos a Kardec sobre a auto-análise (Conhece-te a ti mesmo)diária, examinando constantemente o móvel de cada uma das ações ou inações. Se o mundo moderno não oferece as mesmas possibilidades de outrora, é possível no entanto tomá-lo e aceitá-lo como um desafio à nossa capacidade de entrega ao Senhor Jesus. O mundo tem armadilhas redobradas que estimulam as forças mais baixas de nossa natureza, em face do *karma* negativo que carregamos. No entanto, se centrarmos a mente e todo o nosso ser no Divino, não faltará, a nosso favor, o Auxílio Espiritual a sustentar-nos na porfia. Uma confiança e uma entrega totais ao poder de Deus e o trabalho da oração e da caridade desinteressada, são condições para o desenvolvimento espiritual. Os centros superiores irão desabrochando, porque mantemos neles todo nosso trabalho. Mas é preciso cuidar bem, porque até no último centímetro da estrada pode haver a queda.

Dizia Teresa que só na 6ª e 7ª moradas, "ligadas entre si", reina apenas o sobrenatural; nas demais, até mesmo na 5ª, era possível a contaminação com forças satânicas e instintivas. Mas, mesmo na 7ª morada, potências, sentidos e paixões não estão sempre em paz; apesar das guerras, dos trabalhos, e fadigas a alma, no entanto, está em paz (*Moradas VIII*, cap. II, nº 13). E como ela advertia que não se devia crer que visões, êxtases, espírito de profecia, etc., fossem sinais de perfeição, é importante recordar com os amigos espirituais que os fatos da mediunidade, por mais espetaculares que sejam, não induzem a considerar o médium um santo. Como dizia Teresa: "A santidade, bem o sei, não consiste nestes favores." (*Fundaciones*, IV, 8).

Quanto à caridade, uma frase de Teresa relembrará os ensinamentos espirituais que temos recebidos: "Enfim, irmãs minhas, aquilo com que quero concluir é que não façamos torres sem fundamentos, porque o Senhor não olha tanto a grandeza das obras, como o amor com que se fazem." (*Moradas VII*, cap. IV, nº 18).

Não podemos deixar aqui de recordar as palavras do Senhor Jesus: "Procurai em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça e o resto vos será acrescentado". O problema é de orientação de nossa conduta como um todo.

Alguns, com evidente engano, situam o "resto" como sendo bens materiais a serem incorporados ao patrimônio do aspirante. É certo, porém, que a

assertativa tinha em vista as riquezas espirituais de que é acumulado aquele que persevera “até o fim” no caminho. O espírita deve, pois, afastar-se do caminho abissal de buscar adquirir poderes, seja qual for o método. O desenvolvimento da mediunidade não deve ser fruto de nenhum açodamento. Antes, o espírita deve dedicar-se ao auto-aperfeiçoamento. Os dons mediúnicos, quando existentes, devem ser recebidos como acréscimo de misericórdia e aumento de responsabilidade, devendo ser empregados com a única finalidade de servir.

Antes de qualquer desenvolvimento mediúnico é indispensável o treinamento moral, sem o quê a prática medúnica só resultaria em perigo e fonte de graves perturbações mentais. As práticas moralizadoras não são um fim em si mesmo. O objetivo é sempre o Reino, a união com Cristo. Sem elas, no entanto, nenhum caminho pode ser adentrado. Antes de fixar-se, mesmo intelectualmente, na questão do desenvolvimento dos *chakras*, o espírita deve redobrar os esforços no treinamento moral, que não deve ser confundido com as atitudes farisaicas de uma “falsa moral” ou de uma “moral da época”. Deve concentrar-se ele no exame da motivação de seus atos para escoimá-los dos fundamentos do egoísmo. Isto é indispensável para o contato com seu verdadeiro guia espiritual que deverá instruí-lo na senda a percorrer.

OS PODERES PSÍQUICOS DOS *CHAKRAS* (Michel Coquet) - O desenvolvimento e a atividade dos centros psíquicos são responsáveis pela aquisição dos poderes de mesma natureza. Algumas palavras tornam-se, pois, necessárias em razão dos perigos que tais poderes podem criar.

Os poderes ocultos têm sido uma das grandes motivações que têm levado mais de um aspirante ao ascetismo e às práticas ocultas. O poder foi e permanece ainda um importante tema de preocupação, e não basta repetir que ele não é um fim em si mesmo ou que sua obtenção não prova, de nenhum modo, um avanço espiritual; o fato permanece atual e hoje, como outrora, numerosos aspirantes nessa senda têm sido profundamente perturbados pelos fenômenos auditivos ou visuais resultantes da prática mística.

É preciso, entretanto, reconhecer que a atração pelos poderes é uma coisa natural, não somente pelo fato de que eles são uma conseqüência da evolução, mas ainda porque eles são (ou supõe-se serem), o símbolo de uma

superioridade, à qual todos nós aspiramos. Por outro lado, os poderes psíquicos e espirituais têm fortemente chocado o espírito daqueles que, ignorantes da natureza das leis colocadas em ação, os consideram conto verdadeiros milagres, o que certamente eles não são.

Todos os grandes seres do passado têm sabido utilizar e manifestar estas possibilidades psíquicas e espirituais. É necessário reconhecer, entretanto, que o fim não era o de exibir sua ciência, mas o de aplicar as leis universais do cosmo, e os poderes que eles possuíam não eram, eu o repito, mais do que a conseqüência de sua evolução espiritual e não eram utilizados mais do que como simples, porém maravilhosos instrumentos a serviço de sua missão sobre a Terra. Zoroastro, Orfreu, Gautama Buddha ou seres como Apolônio de Tiana, o mestre Phillipe de Lyon, Cagliostro, ou simplesmente os misteriosos Rosa-Cruzes, todos, sem exceção, foram detentores de uma grande sabedoria, mas igualmente de grandes poderes, demonstrando, desta maneira, que eles tinham transcendido uma parte importante de sua natureza humana. Nos casos citados acima, trata-se de poderes espirituais como expressão direta da alma, poderes que continuam a ser prerrogativa dos seres elevados. É unicamente a estes poderes que se referia o Cristo quando prometeu a seus discípulos, admirados dos milagres por ele executados, que um dia eles os fariam ainda bem maiores.

Os poderes psíquicos inferiores ou superiores constituem, segundo a opinião esclarecida dos mestres da sabedoria, obstáculos ao estado espiritual mais elevado e o simples fato de interessar-se por eles indicaria, no estudante, uma falta evidente de progresso, porque os poderes não podem ser utilizados sem perigo, senão depois ao abandono total de todo o desejo e paixão terrenos. Sendo assim, no momento em que o discípulo é capaz de pensar em termos de consciência de grupo e de viver profundamente de maneira fraterna e quase inteiramente despolarizado de si mesmo, tendo como desígnio imediato o serviço desinteressado, nesse caso unicamente, os poderes tornam-se instrumentos dóceis e úteis ao serviço projetado.

Os perigos da aquisição de poderes a serviço de seus próprios interesses tem sido claramente demonstrado por intermédio do grande yogue Milarepa que havia utilizado (alegoricamente) duas formas de poder. Pimeiramente aqueles de natureza inferior, na primeira parte de sua vida, e aqueles de natureza superior na segunda parte. Explicamos a diferença: os poderes inferiores são resultantes unicamente das forças e energias (*animamundi*) de todas as formas, nos três mundos e em todos os corpos, nos quatro reinos da

natureza. Estes poderes são a expressão dos centros psíquicos localizados sobre o diafragma.

Os poderes superiores resultam da consciência não mais individual, mas coletiva; eles englobam os poderes interiores e colocam cada vez mais o homem em comunhão com as formas de vida que se encontram nos planos superiores da consciência (o reino dos céus). Os efeitos destes poderes superiores são chamados de diversos modos, mas exprimem, de modo justo, sua natureza, como por exemplo: percepção intuitiva, compreensão espiritual, conhecimento direto.

As tradições orientais têm arrolado, com extrema precisão, os diferentes poderes. A lista dos poderes de natureza inferior seria muito longa, por isso consignaremos somente os oito poderes de natureza superior. Aquele que dominou, de modo integral, os oito poderes superiores recebe o titulo de *Siddha*, mas convém ser muito prudente e circunspecto no que concerne aos adeptos cuja a vida é aquela dos *Siddhas*. Poucos dentre eles (sobretudo entre aqueles conhecidos na Europa) têm sabido associar um desenvolvimento espiritual paralelo.

Descrevemos agora estes oito poderes:
1) **ANIMA** (exigüidade). Esta é a faculdade que possui o iniciado de fazer-se tão pequeno quanto um átomo, ou, melhor dizendo, identificar-se com a essência da menor parte do universo de que é ele mesmo constituído. Segundo Leadbeater, este órgão de visão é formado de um pequeno tubo flexível de matéria etérica terminado por uma intumescência em forma de olho, e é este olho que, dilatando-se ou contraindo-se, permite ver o infinitamente grande (*Mahima*) ou, ao contrário, o infinitamente pequeno (*Anima*).

2) **MAHIMA** (magnitude). Este é o poder de aumentar de volume, quer dizer, de alargar o círculo de sua consciência e de alcançar a plenitude do conhecimento do infinitamente grande.

3) **GARIMA** (gravitação). Isto é relativo ao peso e à massa, e se aplica à lei de gravitação que é um dos aspectos da lei de atração. Um mestre japonês de artes marciais conhece bem esta técnica ao ponto de que ele pode tornar-se tão pesado que um agressor muitas vezes superior em peso e em força não poderá movê-lo nem um milímetro. Este fenômeno tem igualmente sido observado nos yogues em estado de *Samadhi*.

4) **LAGHIMA** (levitação). Esta é a possibilidade que tem o adepto de tornar-se mais leve que o ar, afastando a força de atração da Terra, e de desligar-se dele. O exemplo mais belo que foi manifestado aos homens é aquele do mestre Jesus Cristo andando sobre as águas.

5) **PRAPTI** (realizar o objetivo). Aquele que possui este poder tem a capacidade de atingir seus fins projetando sua consciência em todos os lugares que ele julga necessários, quer estejam sobre o plano físico ou sobre o plano cósmico. Este poder foi sempre muito utilizado pelos místicos do mundo inteiro. Este é o poder que utilizou Jesus para ensinar seus discípulos depois da crucificação: “À tarde deste mesmo dia, o primeiro da semana, estando todas as portas fechadas por temor dos judeus, no lugar onde se encontravam os discípulos, Jesus vem e coloca-se no meio deles. Ele lhe diz: “Paz seja convosco.” (*Evangelho de São João* 20:19). *Prapti* desenvolve também a clarividência, clariaudiência e telepatia. Ele permite compreender a linguagem da natureza e possuir o dom das línguas, como o receberam os apóstolos de Jesus Cristo.

6) **PRAKAMYA** (a vontade irresistível). Este poder confere ao adepto a possibilidade de ver realizarem-se todos os seus desejos pela força da vontade divina, quando esta vontade substitui, em parte, a vontade pessoal e seus desejos estão em perfeita harmonia com o plano divino. A perfeição deste poder tem sido atingida pelo mestre Jesus, quando, no momento de beber a taça amarga, exclamou para o Pai: “Que a Tua vontade seja feita, e não a minha”. Segundo Sivananda, o yogue provido deste poder é capaz de permanecer sob a água durante o tempo que ele deseje. É também este poder que permite ao yogue penetrar no corpo de um outro homem e deste modo animá-lo. É isto que fez, se bem que em um grau altamente superior, o Cristo, quando animou o seu discípulo Jesus.

7) **VASITVA** (o poder de comandar). É o poder de tornar-se mestre das forças elementares da natureza, utilizando o poder do som criador ou *mantra*. Pela palavra sagrada, as vibrações são produzidas no éter e as diversas formas podem ser produzidas. A gente se recordará da transformação da água em vinho pelo mestre Jesus, do mesmo modo que da multiplicação dos pães. Segundo os yogues, este poder permite igualmente tornar dóceis os animais selvagens, bem como exercer um ascendente sobre o espírito dos seres e das coisas.

8) **ISATVA** (o poder criador). *Isatva* se refere ao poder que tem o adepto de dispor dos elementos em suas cinco formas e de ressuscitar a vida no plano físico, como fez Jesus Cristo com Lázaro. Muitos outros mestres têm conseguido este grande poder espiritual, tais como, TomoGershè Rimpoché, Babaji, para não citar outros.

Como vamos agora constatar, cada centro desenvolve certos poderes particulares. Isto é o resultado de exercícios místicos tais como o *TRATAKA*, isto, é a fixação do olhar sobre um objeto. Entretanto, os poderes resultam, sobretudo, de um triângulo constituído da concentração (*DHARANA*), da meditação (*DHYANA*), e do êxtase contemplativo (*SAMADHI*), estado resultante da subida de *Kundalini*. Estes três estados são chamados de SAMYAMA. Existem, bem entendido, vias mais específicas que insistem no desenvolvimento dos centros psíquicos como o LAYA YOGA ou KUNDALINI YOGA; ambas incluídas, por outro lado, na prática das técnicas tântricas. Eis aqui, resumidamente, a qualidade dos poderes inerentes a cada centro psíquico:

1) O ***CHAKRA* COCCÍGEO** (básico) confere, segundo sua própria natureza, poderes excepcionais sobre a energia da matéria e, sobretudo, sobre seu aspecto negativo. Ele é, pois, muito perigoso para aqueles que não alcançaram uma pureza moral absoluta, pureza moral que de resto é a essência mesma de todos os ramos do Yoga. O poder de levitação, o controle mental e o do sopro, o conhecimento do passado e do futuro, o domínio do líquido seminal, tudo isso resulta da atividade normal do centro coccígeo.

2) O ***CHAKRA* SAGRADO** (genésico) - A ciência oriental explica que dois *nádis* ligam diretamente o centro sagrado a um outro centro secundário, o *BODHAKA*, localizado na abóbada palatina (céu da boca), e toda ação realizada sobre ele influencia automaticamente o outro. O centro sagrado confere o poder de controlar a energia sutil da água e de dominar os desejos do corpo. Para alcançar isto é necessário que o estudante aprenda a combater fortemente a ilusão, a aversão, a luxúria, a suspeita e a indiferença (com compaixão).

3) O ***CHAKRA* SOLAR** (umbilical ou gástrico) confere o poder de controlar toda a vida vegetativa e de colocar à vontade o corpo físico em profunda letargia. Pela atividade do centro solar, a saúde se desenvolve e se mantém.

Tendo o iniciado conseguido o controle deste centro, presume-se que não mais tema o fogo. É de resto este centro que permite aos *Yamabushis*, ascetas japoneses, marcharem de pés descalços sobre as brasas ardentes sem sofrer qualquer dor ou queimadura. Obtém-se o domínio do centro solar pela purificação das imperfeições, como o apego, o orgulho, o ciúme, a cólera, a indolência e o medo.

4) O ***CHAKRA* CARDÍACO** dá o poder de ler o coração aberto no espírito dos outros e de conhecer todos os pensamentos. Ele confere a possibilidade de ver seus desejos e rogativas realizados. Ele permite ouvir o som sagrado no interior do coração. O fato de poder controlar o elemento ar significa que o adepto pode projetar sua consciência na direção de todas as partes do mundo, para um lugar onde uma pessoa se encontra, e operar, à distância, sem ter de deslocar seu corpo físico.

Purificando-se do egoísmo, da vaidade, da cupidez, da indecisão, desenvolvendo depois o sentido fraternal, a caridade, o amor e o discernimento, obter-se-á, sem dúvida, alguma uma atividade normal do centro cardíaco.

5) O ***CHAKRA* LARÍNGEO** confere um grande poder sobre a energia vital do espaço e sobre o controle da transição. Permite, além disso, o desenvolvimento da clariaudiência e do conhecimento do passado, do presente e do futuro. Desenvolve a memória psíquica e dá a faculdade da profecia.

6) O ***CHAKRA* FRONTAL**, confere um poder espiritual imenso: o de ser um membro da fraternidade dos homens e mulheres tornados “perfeitos”. Ele destrói todo elemento de natureza kármica (negativa) e atribui ao yogue a totalidade dos oito poderes maiores e os 32 menores. É por intermédio dele que serão percebidos a “luz na cabeça”, assim como o “*OM*” sagrado em sua mais esplêndida realidade.

7) O ***CHAKRA* CORONÁRIO** dá ao adepto a totalidade de todos os poderes, assim como o de não mais ter necessidade de operar no triplo mundo inferior dos homens. O centro coronário normalmente ativo permite ao iniciado deixar em plena consciência o invólucro físico. Além disso, este centro é frontispício da completa liberação, da aquisição de um poder divino de natureza intraduzível e inexprimível.

Convém, depois deste breve resumo, não cometer o erro de crer que só um centro permite alcançar as faculdades enumeradas, quando os poderes não funcionam senão por intermédio de muitos centros simultaneamente. Por outra parte, os efeitos engendrados no mundo fenomenal não oferecem mais que um valor relativo e limitado se se acredita nas afirmações dos maiores mestres, cujo único fim era a reintegração final no seio da divindade. Assim, por conseguinte, antes de prestar atenção excessiva sobre a obtenção dos poderes psíquicos, não esqueçamos as sábias palavras do Senhor Cristo: “Buscai antes o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado de acréscimo”. (*Les Çakras: L’anotomic occulte de 1’homme* de M. Coquet. Paris, Dervy-livres, 1982).

OS *CHAKRAS* MENORES (Michel Coquet)- Os *chakras* menores são algumas vezes mencionados nos textos sagrados dos hindus. Contudo, eles oferecem muito pouco interesse, salvo aqueles que estão em estreita relação com o cérebro e aos quais fazem algumas vezes alusão certos autores: “O *Lalanâ chakra*, em frente da úvula, com doze pétalas (ou lobos), região que se supõe associada à produção dos sentimentos e das afeições ego-altruístas, como o amor próprio, o orgulho, a afeição, a cólera, o pesar, a veneração, o contentamento, etc.”.

O iniciado se concentra sobre este centro no momento em que visualiza seu instrutor para solicitar-lhe conhecimentos diversos. O centro *Lalanâ* é responsável pelos doze pares de nervos cranianos que partem do cérebro para terminar nos diferentes órgãos dos sentidos.

"O *Mana chakra*, o sensório, com seis lobos (cinco sensórios especiais para as sensações de origem periférica, e um sensório comum para as sensações de origem central, como nos sonhos e nas alucinações".

Considera-se geralmente que o *Mana chakra* é fisicamente exteriorizado pelo cerebelo. É também a partir destas pétalas que nascem as sensações dos cinco sentidos.

"O *Soma chakra*, gânglio com dezesseis lobos, compreendendo os centros do cérebro, acima do sensório; sede dos sentimentos altruístas e do controle da vontade, da compaixão, da bondade, da paciência, da renúncia, da determinação, da magnanimidade, etc."

Dizem os yogues que é neste centro que pode ser contemplada a bem-aventurança do glorioso Ishvara (Ishvara corresponde ao segundo aspecto da trindade cristã, isto é, ao Filho, ao Cristo manifestado; *Ishvara* é também *Aum*, a palavra sagrada; é "o Cristo em nós, a esperança e a glória"). (Arthur Avalon, *La puissance du serpent*, Dervy-Livre).

CHAKRAS **MENORES** (Mircea Eliade) – "Existem, além disso, outros *chakras*, menos importantes. Assim, entre o *muladhara* e o *swadhisthana,* encontra-se o *Yonisthana*: lugar de reunião de Shiva e Shakti, lugar de beatitude também chamado (como o *muladhara*) *Kamarupa*. É a fonte do desejo e, no nível carnal, uma antecipação da união Shiva-Shakti que finaliza no *Sahasrara*. Muito perto do *Ajna chakra* encontra-se o *Mana chakra* e o *Soma chakra*, relacionados com as funções intelectivas e certas experiências yogues. Perto do *Ajna chakra* encontra-se igualmente o *Karana-rupa*, assento das "sete formas causais", das quais se diz que produzem e constituem o corpo "sutil" e o corpo "físico". Finalmente, outros textos se referem a certo número de *Adhara* (= suporte, receptáculo), situados entre os *chakras* ou identificados com eles.

CHAKRAS **MENORES** (A. A. Bailey - *La Guérison Esotérique*) - Segundo Alice A. Bailey, os centros menores, em que os *nádis* se cruzam 14 vezes, são em número de 21, assim dispostos:

- dois em frente às orelhas, próximo da articulação do maxilar;
- dois justamente acima dos peitos (nos mamilos);
- um na junção das clavículas, próximo da glândula tireóide. Com os dois centros dos peitos, eles formam um triângulo de força;
- dois, um em cada palma da mão;
- dois, um em cada planta do pé;
- dois, bem atrás dos olhos;
- dois em ligação com as gônadas;
- um próximo ao fígado;
- um em conexão com o estômago; está, pois, ligado ao plexo solar, mas sem lhe ser identificado;
- dois em conexão com o baço, os quais não formam, em realidade, mais que um centro, composto, porém, de dois centros superpostos;
- dois, um na cavidade de cada joelho;

- um centro extremamente poderoso em conexão estreita com o nervo vago.
  Certas escolas esotéricas o consideram como um centro maior. Ele não está na espinha dorsal, mas não está muito distante do timo;
- um centro próximo do plexo solar. Ele liga este último ao centro básico e forma, assim, um triângulo.

O *CHAKRA* ALTA-MAIOR - "O centro cefálico alta-maior é exteriorizado ficom à medula alongada, achando-se no bulbo raquidiano, colocado mais exatamente no cume da medula oblongada.

"Poucas coisas podem ser ditas sobre este centro que não está ativo, salvo nos altos iniciados e adeptos da sabedoria. Nos seres avançados, o cérebro tornou-se um transmissor ou um receptor perfeito da energia da vida. Para este efeito, o cérebro utiliza a glândula carótida governada pelo centro psíquico alta-maior, estabelecendo, assim, uma relação muito estreita com o coração e o centro coronário. As glândulas carótida, pituitária e pineal condicionam tudo, particularmente a substância cervical. Este triângulo está inteiramente unido no adepto. Pelo contrário, a glândula tireóide substitui a carótida no discípulo, o que afeta, sobretudo, o desenvolvimento do intelecto e, pois, da matéria mental. Entretanto, quando o cérebro é utilizado como um transmissor de energia da vida, é a glândula carótida governada por alta-maior, à qual diz respeito, e quando ele torna-se um receptor de energia mental é o centro *Ajna* que se torna o agente.

"A tradição oriental indica que quando um homem tornou-se um adepto, tendo unificado sua personalidade e a alma, somente neste momento lhe é possível agir sobre a energia para despertar o fogo *kundalini* que dorme nas profundezas das vértebras sagradas. Deste modo, a energia projetada para baixo deve passar por alta-maior, descer ao longo da medula espinhal e unir-se às duas correntes em expectação. A reelevação unificada destas três forças determinará, então, a abertura e atividade de todos os centros, deste modo: o canal central unido ao centro coronário e os dois outros canais unidos, um ao *Ajna*, o outro ao alta-maior".(Michel Coquet, *Les* Çakras – *L'anatomic occulte de l'home*, Dervy-Livres, pp. 117/118.)

BINDU VISARGHA (= queda da gota)- O *bindu*, (gota ou ponto), é um centro menor localizado na parte superior do cérebro, na direção da parte posterior

da cabeça. Ali se encontra uma leve depressão ou fossa, dentro da qual existe uma pequena elevação, local exato do bindu, na estrutura fisiológica.

Tanto o *bindu*, quanto o *lalanâ*, estão conectados com o centro laríngeo. Os *chakras* menores, em geral, ao contrário dos sete maiores, não são chamados de "*chakras* de despertamento", mas, encontrando-se ligados a esses, seu despertar dá-se conjuntamente.

O funcionamento harmonioso desses três *chakras* proporciona ao indivíduo a capacidade de subsistir longo tempo sem água, alimento ou ar. O *bindu* reduz,
inclusive, o metabolismo do corpo, fato comprovado pela falta de crescimento de cabelo nos yogues em estado de hibernação voluntária. O dr. Motoyama comprovou experimentalmente que, quando o centro laríngeo está desperto e em
conexão com o *bindu* e o *lalanâ*, é possível o controle consciente do metabolismo da respiração, da ingestão de alimentos, da digestão, etc.

O *bindu*, segundo Satyananda, controlaria a percepção visual, de modo que uma anormalidade no *bindu* conduziria a uma doença ótica.

O *bindu* não é idêntico aos *chakras*. Seu símbolo é a lua cheia ou a luz crescente (resumo das lições de Satyananda In *Theories of the Chakras: bridge to Higher Consciousnes* de Hiroshi Motoyama, Wheaton (EUA), The Theosophical Publishing House, 1981).

FACULDADES ESPIRITUAIS (pelo espírito White Eagle) - No começo da criação você permanecia no coração do Logos. Toda a verdade jaz nesse pensamento simples e fundamental. Quando você respirou como encarnado, quando você partiu do coração de Deus e achou que possuía o livre arbítrio, você o usou como uma criança desobediente. Como resultado, você caiu na lama do sofrimento. Ali, na verdade, você sofreu e ainda está sofrendo. Contudo, você nunca se desfez completamente de seu contato com o coração de Deus.

Se você quer progredir em direção ao coração dos mistérios do Cosmos, seu caminho consiste na meditação e na realização do silêncio, da pequena voz, do Deus interior, porque todos os mistérios da eternidade jazem dentro de seu coração. Nenhum livro pode ensinar-lhe, embora em livros possa ser

encontrado estímulo mental. A sabedoria chega através do coração. Por conseguinte, “Esteja em silêncio e conheça que eu sou Deus”.

Assim, para conhecer Deus, você deve aprender a viver mais abundantemente, você deve saber saborear a vida na sua plenitude, porque quem pode aprender mais de Deus que aquele que permanece isolado de sua espécie?

Necessita-se de um Deus para conhecer um Deus e o homem que pode testemunhar as condições humanas sórdidas e mesmo terríveis, que pode sentir com aqueles que suportam tais condições e penetrar em seu sofrimento, o homem que vê nas pessoas mais depravadas alguma coisa de louvável e humano, que pode ver Deus nos piores de nós, chega perto da compreensão dos mistérios da criação.

Assim, embora possa parecer difícil à primeira vista, nós sugerimos que você participe das alegrias e tristezas de seus companheiros, e, embora mantendo seu próprio equilíbrio, chore quando eles chorarem, sorria quando eles sorrirem, seja um com eles. Você ficará espantado com o que eles têm para lhe ensinar. Não recue deste contato com a humanidade, mas experimente ver a beleza debaixo da vulgaridade e da crueza. Você deve ser um com a vida humana e nunca conservar-se afastado dela. Viva a vida com seus Irmãos.

VOCÊ ESCOLHE SUA VIDA - Algumas pessoas pensam que têm de suportar perturbações tais como as do seu quinhão. Elas sentem que, se elas estivessem em circunstâncias diferentes, liberdade, mais lazer, quantos bens poderiam executar. Elas registram, com tristeza, quanto seus vizinhos, abençoados com a riqueza e conforto que eles invejam, parecem ignorar ou negligenciar as necessidades de seus companheiros.

Crianças queridas, sua vida é governada pela lei, e vocês acham-se exatamente no lugar e nas circunstâncias que vocês escolheram. “Mas isto é um disparate”, você dirá. “Eu nunca teria escolhido esta vida!” Isto é discurso do eu exterior, a mente mortal. O eu real, o divino espírito interno, conhece as necessidades de sua alma. Pense neste impulso divino como uma luz radiante sempre guiando sua alma no caminho. Nenhum momento de seu tempo necessita ser desperdiçado, ou dissipado. A finalidade total de sua vida e o desígnio atrás de cada experiência humana é o progresso e o

desenvolvimento de sua alma. Se você examinar embaixo da superfície da experiência em busca de sabedoria e conhecimento, você acelerará este processo de crescimento e desenvolvimento. Não é o que está acontecendo nos planos exteriores; não são nem as circunstâncias nem as riquezas que você possa ou não ter que importam, mas somente sua reação interior àquelas circunstâncias, seu relacionamento de dentro para com seu próximo e para com Deus. As circunstâncias de sua vida são verdadeiramente uma forma de iniciação através pela qual você está passando diariamente.

Na atualidade um grande auxílio está sendo enviado ao homem. O espírito humano está sendo estimulado por um afluxo de poder e luz e amor do mundo espiritual. Um grande ímpeto varre a humanidade. Alguns têm experimentado a iniciação e sabem que ela traz uma expansão de consciência e fornece uma visão do futuro e o desejo de viver de tal modo que o indivíduo se torne harmonizado com o espírito, de modo que a alma possa mais rapidamente penetrar no reino dos céus.

Entretanto, a média da humanidade permanece ainda inconsciente dos mundos espirituais que interpenetram a vida física. Uma pesada cortina obscurece a visão do homem de modo que, incapaz de registrar o espiritual, ele é consciente apenas das coisas que pode perceber através dos sentidos físicos.

CLARIVIDÊNCIA - O homem permanece, como era, aprisionado no corpo físico. Existem, porém, estados de vida, no interior do físico, mais sutis e refinados. No nosso ser sêxtuplo - como já temos explanado - está o corpo etérico, que é uma duplicata, em aparência, do corpo físico, mas formado de substância mais sutil, invisível à visão física. Este duplo etérico submerge ou interpenetra a totalidade do corpo físico. O corpo etérico consiste de duas partes, uma mais grosseira e uma mais sutil, e opera através do sistema nervoso. Com a morte, a totalidade do corpo etérico é retirada, e a substância da parte mais grosseira, assemelhando-se muito à matéria, logo se desintegra como se desintegra o corpo físico.

Durante a vida física, este duplo etérico forma a ponte entre a alma do homem e os mundos mais sutis. Através desta ponte e via sistema nervoso e dos corpos mental e vital do médium, a alma no mundo espiritual se comunica com a Terra. O tipo de mensagem que chega depende, em grande parte, do caráter do médium, das circunstâncias de sua vida (dele ou dela),

das condições proporcionadas pelo médium, e das condições física e mental do assistente a quem a mensagem é endereçada.

Interpenetrando o corpo etérico denso existe um veículo etérico mais sutil, que eu chamarei de corpo de luz ou corpo vital, que não somente interpenetra os corpos físico e etérico mais baixo, mas também os veículos mais altos: os corpos mental, intuicional e celestial. Há, assim, um elo entre cada um dos corpos, pelo qual a luz espiritual do divino pode crescer, através desses vários corpos, até alcançar o corpo etérico mais grosseiro, que liga tudo ao cérebro e ao sistema nervoso.

Quando falamos de clarividência, referimo-nos àquele tipo de visão que é mais comum. Existe muito equívoco acerca da natureza da clarividência. Em algumas pessoas, o corpo etérico mais denso pode estar ligado apenas frouxamente ao corpo físico e sairá com muita facilidade. O plano etérico jaz tão perto da Terra que para uma pessoa desencarnada ele aparece quase tão denso e pesado como a própria substância física. O etérico mais baixo registra quadros e reflete-os para a Terra. Algumas pessoas (que podem ser descritas como clarividentes involuntários) podem ver essas formas ou quadros do modo que eles são refletidos no centro do plexo solar. Animais também podem algumas vezes ver deste modo. Em passado distante, antes que o homem adquirisse tal contato íntimo com a substância física densa, a visão involuntária, tal como esta, era comum.

O corpo físico do homem médio não é muito receptivo a influências espirituais. No homem normal, o corpo etérico solta-se com um clique, por assim dizer, ficando o homem, daí por diante, inconsciente de sua presença.

Mas, como nós temos dito, há certas pessoas que possuem um corpo etérico frouxo, que pode sair do físico de modo muito fácil, e resultam então perturbações tais como uma descontrolada clarividência e obsessão. Há uma enorme diferença entre esta clarividência no plano etérico mais baixo e um outro tipo, que resulta do treinamento e uso correto dos centros psíquicos ou *chakras* no corpo etérico.

Eu descreverei a diferença deste modo: fique à margem de um lago muito tranqüilo e veja o reflexo das árvores e do céu na água. Como é belo o efeito! Mas se o lago se tornasse agitado, este reflexo seria prejudicado. Depois, tudo era somente um reflexo, um símbolo, um jogo de luz e cor. Agora, dirija sua visão para a verdadeira paisagem, as árvores verdadeiras e o céu, e verá

algo que é constante, evidente e, para os seus sentidos, real. Esta é a diferença entre a clarividência involuntária, que é um registro pelo corpo etérico mais baixo, usualmente não controlado e sem desenvolvimento, e a clarividência inteligente e treinada que recebe luz ou impulso do plano do espírito divino.

Certas drogas podem desligar o corpo etérico do físico. Um inebriante fará o mesmo, mandando o etérico algumas vezes para um lugar muito infeliz, como é o caso de alguns infortunados sofredores do *delirium tremens*, quando na realidade seu corpo etérico está registrando todas as visões e condições de algum baixo plano astral. Um anestésico também pode fazer sair o corpo etérico. Algumas vezes sua consciência está ativa, mas freqüentemente permanece inativa e não transmite cousa alguma à memória do paciente em seu retorno.

Há uma conexão entre o corpo etérico e alguns dos principais centros psíquicos, na cabeça, na garganta, no coração, no baço, no plexo solar e na base da espinha. Os estudantes de medicina reconhecerão estes centros como pontos focais do sistema nervoso. Estes centros, por sua vez, são conectados com diferentes esferas ou planos da vida espiritual. Eles são como flores com pétalas: quando você começa a desenvolver a consciência espiritual, estes centros, quais flores, (*flowerlike*) começam a se desenvolver. Eles giram, possuem vida e luz e projetam belas cores. Seus guias e auxiliares reconhecem imediatamente sua posição no caminho evolutivo pela vibração e luz e poder que eles podem visualizar nestes centros.

Alguns de vocês despertaram os centros psíquicos numa reencarnação anterior e, agora que reencarnaram, estes centros projetam luz que pode afrouxar a estrutura do corpo etérico e ocasionar o que é descrito como um médium “natural” ou clarividente “natural”. O verdadeiro clarividente, entretanto, é alguém que trouxe do passado o conhecimento de como utilizarde forma inteligente estes centros do corpo, e pode freqüentemente, desse modo, cumprir grande trabalho.

Nós esperamos que vocês não queiram todos de uma vez começar a tentar desenvolver estes centros! Para fazer isso vocês necessitam de muito mais conhecimento do que nós lhes estamos dando agora. Os centros começam a irradiar quando a vontade e a inteligência os estão dirigindo para a atividade. Usualmente, o centro que primeiro reage para as coisas que e encontram fora do corpo físico é aquele situado no ***plexo solar.***

Você diz: “Eu não posso ver ou ouvir, mas eu sinto”. Se você se esforçar para analisar como você “sente”, não saberá. Mas se, cuidadosamente, examinar o que aconteceu, você descobrirá que o **plexo solar** experimentou um sentimento “esquisito”, e assim você “percebe” que sentiu.

O próximo é o centro frontal, algumas vezes denominado o Terceiro Olho, mas que nós denominaremos aqui o **chakra frontal**. Este pode operar de forma metódica sob a direção da vontade o do eu espiritual, e permitirá ao médium tornar-se conhecedor das esferas espirituais. A verdadeira clarividência não é aquela visão que sugere que você vê alguma coisa com o olho físico. A clarividência repousa dentro do próprio ser. Pode parecer que você está olhando algum objeto no exterior, mas, no momento, você está examinando profundamente este centro ou *chakra* qual flor (*flowerlike*) dentro de si. Entretanto, você pode ser clarividente com seus olhos fechados. De fato, você verá melhor assim. Você dirá, sim, mas tudo aquilo pode ser somente imaginação! Imaginação é um termo usado muito livremente. Imaginação é a porta para a verdadeira visão espiritual.

Não pense que os plexos frontal e solar são os únicos centros utilizados, porque quando você entrar em contato com o plano intuicional ou celestial, você verá não só com o frontal, mas com outros centros: na verdade, todo o ser vê. Quando você alcança este plano, você registra ou reflete verdadeiramente os planos espirituais. Através do amor divino, o centro cardíaco começa a pulsar e irradiar as mais belas cores e luzes e então você se torna consciente da verdade divina, e torna-se um médium ou canal da pura verdade.

CLARIAUDIÊNCIA - Cada pessoa pode, pelo treinamento, tornar-se clariaudiente até
certo ponto, pelo menos. A clariaudiência está governada por regras semelhantes àquelas esboçadas para a clarividência.

Nos recém-nascidos, a audição é o primeiro sentido adquirido, depois o tato, em seguida a visão. Observe isto, porque tem relação com o desenvolvimento espiritual. Há um velho dito hermético que diz: “Tal como em cima, tal é embaixo; assim como é embaixo, tal é em cima” e a experiência ensina-nos a verdade disto em ambos os sentidos, esotérico e exotérico.

Muitos pensam que se eles ouvem o que é conhecido nos círculos espiritualistas como voz direta, eles estão obtendo uma mensagem clara e pura dos seus amados no mundo espiritual, porque nenhum instrumento humano é utilizado. Mas isto não é assim, pois a voz percebida pelo assistente, embora aparentemente não tenha conexão com o físico, é de fato produzida pela garganta e órgão vocais etéricos do médium. Assim, a voz direta, embora percebida por um sentido físico e aparentemente não relacionada com os órgãos da fala, necessita do corpo etérico do médium, a fim de produzir som, e pode, dessa forma, ser matizada pela mentalidade do médium.

Nesses casos, o centro ***laríngeo*** do médium é utilizado. Este centro está imediatamente relacionado com a clariaudiência. Você pode testar quando estiver meditando. Concentre-se no seu centro laríngeo e você se surpreenderá escutando, e quando tiver aprendido o poder do silêncio, a quietude do espírito, ficará maravilhado em descobrir que sua audição espiritual se intensificou.

À parte da clariaudiência do tipo etérico já aludida, consideremos a clariaudiência espiritual, o poder de ser receptivo aos sons sagrados ou vibrações do mundo do espírito puro. Todos podem se tornar receptivos à voz do espírito puro. Ela fala como pequenina e tranqüila voz interior, a voz da consciência.

Vocês não acham estranho que embora vocês todos almejem ouvir a voz do espírito, provavelmente a última coisa que querem ouvir é a voz da consciência? Vocês, com muitas desculpas, silenciam-na, mas, amadas crianças, em escutar essa voz se fundamenta o caminho verdadeiro para a clariaudiência, ou “claro ouvir”.

Quanto mais severos vocês sejam consigo, com o eu exterior, a mente externa, subjugando a personalidade de modo a que a voz interior ou a voz da consciência possa ser ouvida, mais rapidamente vocês progredirão à clariaudiência.

Vocês poderiam se considerar como uma caixa de ressonância capaz de responder às vibrações dos mundos elevados. A mente pode interpretar o som de dentro do silêncio, que vem a vocês do mundo do espírito puro, e do mundo astral elevado. O primeiro passo é aprender a escutar. Não tema,

ignore ou silencie aquela voz interior. Admita-a, receba-a com alegria. Admita-a mesmo quando ela lhe diga que você está errado. Seja grato ao fato de que você possa reconhecer a voz da consciência, pois através dela você desenvolverá uma caixa de ressonância tão genuína que ouvirá os anjos cantarem!

As coisas espirituais podem ser ouvidas com os ouvidos físicos? – vocês perguntam. Nós dizemos: vocês ouvirão dentro de suas gargantas e de suas cabeças. É difícil comunicar o que querermos dizer, mas a voz, os sons, as harmonias tornar-se-ão eventualmente mais definidos até que os sons do plano físico. É possível para vocês, quando ainda na carne, serem tão elevados em consciência de modo a ouvirem claramente as melodias dos planos mais elevados e, enquanto estiverem nesse estado, estarem surdos aos ruídos no plano físico.

Pode lhes interessar saber que os pensamentos podem ser, de fato, ouvidos, porque eles geram uma vibração no plano mental da vida. No mundo oculto, em todos os graus do plano astral, um pensamento produzido será captado instantaneamente pelo auxiliar do discípulo determinado. Um pensamento seu para o seu guia será verdadeiramente ouvido.

PAZ ESPIRITUAL - Vocês concebem o balbucio terrível no plano etérico, tão próximo ao físico? Imaginem sintonizar seu aparelho de rádio e captar do éter cerca de uma vintena de estações ao mesmo tempo! Vocês podem imaginar a confusão? Os pensamentos da humanidade criam barulho - barulho, e não som. Somente nos planos espirituais de harmonia podemos chamar as vibrações de som, ou música. Então, imaginem ultrapassar esse balbucio inarmônico, rude e confuso, e ir para cima, em direção aos planos da vida espiritual, cada um mais harmonioso e delicado, até que atinjamos as verdadeiras esferas de harmonia. Nesses planos, há música na atmosfera. O próprio vestuário dos habitantes vibra harmonia e melodia.

Vocês podem apreciar a beleza em algum pequeno grau? Vocês podem adquirir o poder de sintonizar com aquela orquestra divina. Mas esse não é simplesmente um dom físico, é um dom da alma; está dentro de vocês. Vocês podem adquirir o poder de ouvir com maior clareza e correção do que é possível no plano físico. Mas, primeiramente, deve haver harmonia, deve haver pureza, deve haver amor interno.

Vocês estão sempre envolvidos pela emanação espiritual, pela força espiritual que se irradia da aura do Cristo, que veio do Deus Pai-Mãe para proteger, purificar e iluminar o caminho para todas as crianças de Deus. Vocês não podem permanecer fora dessa vida do Filho, o Cristo. Enquanto a humanidade se contorce em agonia, enquanto almas sombrias infligem sofrimento e almas ignorantes sofrem, recordem-se sempre que vocês são um canal através do qual Cristo pode atingir outros e iluminar a escuridão deles.

Isso jamais será alcançado apenas através da oração, mas somente pelo fortalecimento do seu espírito, pelo crescimento da mente divina em vocês, pela radiação de boa vontade e paz do seu coração. Não é meramente uma crença em que a guerra é terminantemente errada, mas uma paz, que pode lhes guiar durante o dia placidamente, até alegremente, uma paz que permanece imperturbável no meio do conflito físico, exatamente como o Mestre ensinou através do assim denominado milagre em que acalmou a tempestade. O Mar da Galiléia representa o corpo da alma agitado pelos elementos exteriores. O Mestre, adormecido no barco, ou no coração (do ser) do homem, levanta-se e aquieta a tempestade, pois não é Ele o Mestre, o comandante? Ele é paz.

É isso que queremos dizer com o serem pacíficos, viverem em paz. Vocês necessitam de uma realização contínua de seu relacionamento com Cristo, com o Deus Pai-Mãe. Sintam a paz que os anjos de Cristo trazem. Não pensem em paz como uma condição puramente negativa, pois as profundezas da paz contêm as forças criativas do universo, e as palavras do som poderoso do silêncio. A paz é dinâmica tanto quanto o amor e a sabedoria são dinâmicos: todos esses atributos espirituais estão impregnados com poder, um poder inatingível sem quietude da mente e da alma.

(In *Spiritual Unfoldment I* do espírito White Eagle pela médium Grace Cooke, iss, Inglaterra), The White Eagle Publishing Trust, 1972).